REVISTA DA SEMANA

7 Março de 1953 — Cr$ 4,00 em todo o Brasil

REPORTAGENS de CARNAVAL

QUEM FUNDOU S. PAULO?





LEIA!

o empolgante e imortal romance de H. SIENKIEWICZ

"QUO VADIS"? — O AMOR DE VINICIUS, JOVEM PATRÍCIO ROMANO, POR LIGIA, A FORMOSA CRISTÃ ATIRADA À ARENA — A FÔRÇA PRODIGIOSA DE BRUTUS — O DELÍRIO DE NERO, O CRUEL IMPERADOR DO MUNDO ROMANO — TUDO MARAVILHOSAMENTE ILUSTRADO, A CÔRES, POR F. MATANIA.

NO LIVRO MÁGICO DOS MIL ASSUNTOS:

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1953

PREÇO 25,00

À VENDA NOS JORNALEIROS — PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO DE JANEIRO — POR MEIO DE VALES OU REEMBÔLSO POSTAL

NO MUNICIPAL:

OS BROTINHOS SE DIVERTEM

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A tarde de têrça-feira gorda pertenceu à criançada que lotou o Municipal, entregando-se às alegrias de um baile infantil de grande gala. Como sucede com a gente grande, também os pequeninos têm direito a classificação de prêmios perante uma comissão julgadora. E êste ano foram conquistadores entre meninos e meninas, fantasias das mais belas, elegantes e de grande efeito... carnavalesco. Felizmente não houve briga depois da decisão dos juízes, o que mostra estarem as crianças pensando melhor do que os adultos e velhinhos. Para que querelas no Carnaval? Se tudo é mesmo fantasia, simulação, tanto faz que uma princesa seja a primeira, como a segunda, diante de uma índia com suas penas e cocares inocentes. O que se quer é brincar, pular, cantar, sambar, fazer o passo do frevo pernambucano. E foi isso que a meninada fêz no vasto salão do Municipal preparado especialmente para isso. Êste ano, como sucede nos anteriores, os bailes infantis em vários pontos da cidade estiveram deslumbrantes, destacando-se, evidentemente, o do Teatro Municipal no último dia do reinado de Momo. Notou-se a preocupação das fantasias de estilo antigo, dos velhos tempos da monarquia, com fidalgos e marquesas de belas saias «balão», os «can-cans», tão em moda nos meados do século XIX, quando as dançarinas vinham à luz das gambiarras com suas saias



Uma trindade do barulho, com dois pintores pintando o sete e uma mademoiselle de «can-can» se acabando. Tarzan ficou até espantado.





Êste mui orgulhoso papai fêz «ombro, armas» com a garotinha que é louca pela folia.

os brotinhos se divertem





De uma dama antiga ao Pierrot, êstes «enfants terribl



Uma linda bailarina que não sabe o «ballet», mas que, em compensação, sabe divertir a valer.





«enfants terribles» não se fartaram nos três dias de folia carnavalesca. Cantaram, pularam, fizeram o passo do «frevo», causando inveja a muita gente grande.



De tanto e tanto ouvir falar em Coréia, esta saiu fantasiada de «mercador de Xangai».



Duas irmãs gêmeas dão o bom exemplo: — abaixo a tristeza e viva o Rei Momo I e Único!.



A princesa cigana acompanhada do seu pagem, que diz: — «Ela está mesmo da pontinha.»

llet»,
valer.





A fotografia acima mostra-nos um belo indiozinho afogado numa floresta de penas, atrapalhado com a sua flecha.

Da esquerda para a direita: primeiro lugar para meninos, «Dom Carlos», Guilherme Guimarães; segundo lugar, um garotinho ricamente fantasiado de nobre antigo.

de renda e dançavam suspendendo-as para mostrar um pedacinho das pernas aos basbaques da platéia. A infância adora o Carnaval, justamente porque é a festa do povo, a folgança do barulho, da alegria contagiante, da arte e da música popular. E era delicioso ver-se uma garotinha de pouco mais de cinco anos a cantar aos braços do papai: «Ocê penxa qui cachacha é auga...». Têrça-feira, último dia de Carnaval, os meninos cariocas reunidos no Municipal deram a nota de alegria e pândega sem restrições. E, lá para o primeiro quartel do ano 2000, êles estarão comentando com os seus contemporâneos de farras inocentes: «Você se lembra, Roberto, daquela menina que namorou comigo no Municipal? Ainda está solteira; mas sempre bonita. Ah! como tenho saudades do Carnaval de 1953.



Primeiro lugar para meninas: à direita, Valéria Sovenseld, «Elizabeth I», da Inglaterra, e o segundo lugar foi conquistado por essa linda «girl» do «can-can».

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 10 ★ 7-3-53

SUMÁRIO:

No Municipal — os brotinhos se divertem 3/ 6
A fantasia da cidade 15/17
Carnaval tricolor 18/19
Distinção e alegria no Municipal 23/26
As premiadas do baile do Municipal 27
Frente única dos povos muçulmanos 28/29
O famoso baile do Iate 30/33
A filosofia do povo no carnaval de rua 48/53

★

A vingança do Orixaalum ... 7
Três dias de vento (conto) .. 11
A Bem-Amada (romance) 12/13
Rompimento (conto) 14
Semana Literária 35
Quem fundou São Paulo 36/37

★

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Lido... Visto... Ouvido... ..... 20/21
Conta-me teus sonhos 22
Arabelle 39
Passatempo 40
A Revista há 50 anos 41
Último flash 54

★

A saúde do bebê 42
Modelos conversíveis 43/45
Week-end na cozinha 46
O que «êle» vê em você ... 47
Sugestões para o lar 47

★

CAPA

Jean Simmons (R K.O.)

EXPEDIENTE

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte; Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.



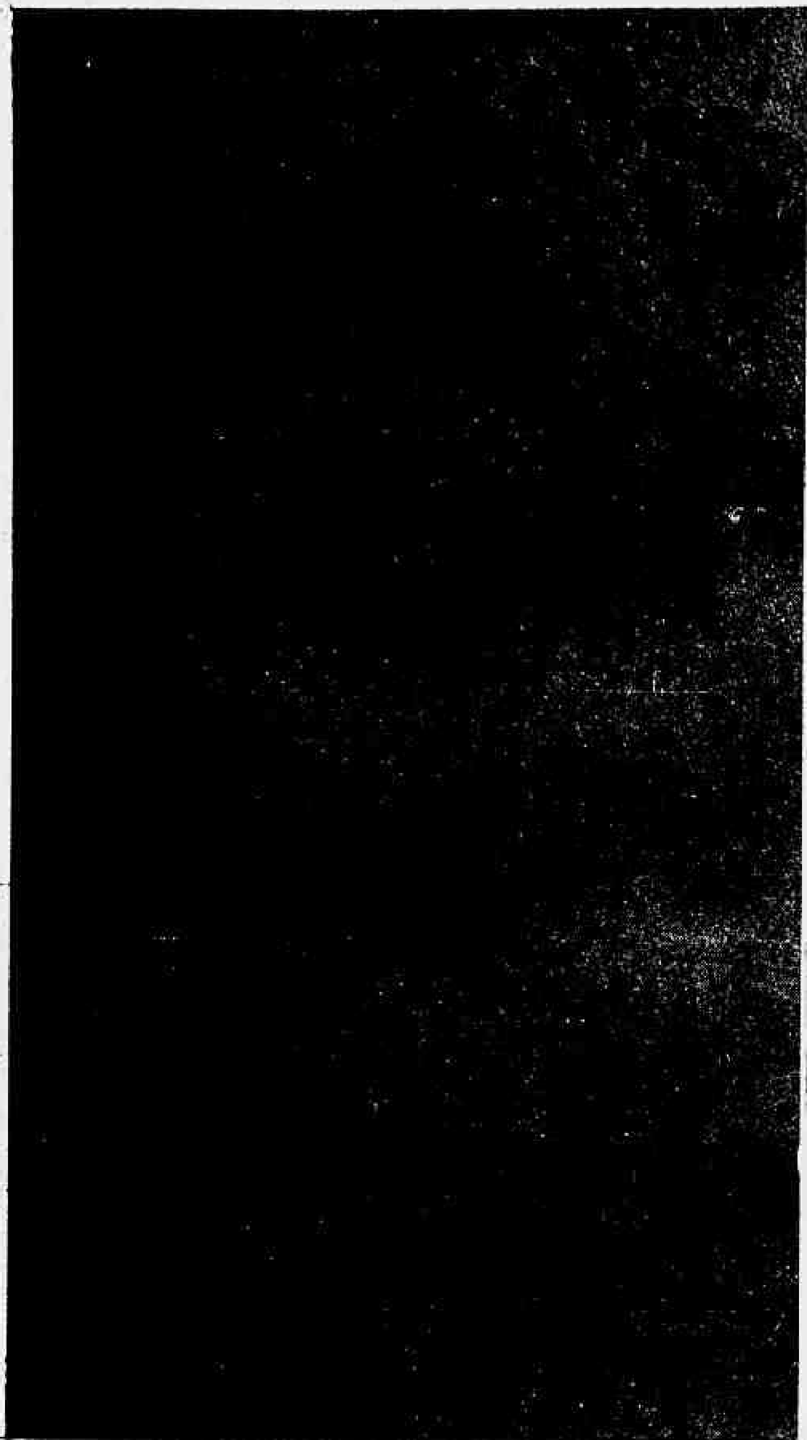
A VINGANÇA de ORIXAALUM

QUANDO Antão Gonçalves, Guarda-Roupa de D. Henrique despejou em Lisboa os primeiros escravos negros aprisionados na região do Rio do Ouro, houve corações sensíveis que se revoltaram contra o procedimento; mas o papa Eugênio IV, não só aplaudiu a escravização daqueles pobres azenegues, como publicou uma bula concedendo indulgências plenárias aos que voltassem a escravizar negros, e reconheceu a posse de Portugal sôbre as terras conquistadas aos infiéis. Estava-se na primeira metade do século XV.

● Em janeiro de 1454 o papa Nicolau V louva e defende o tráfico de escravos, como se viu da bula «Romanus Pontifex». E assim fizeram os seus sucessores, Calixto III, Sixto IV e outros. O que foi a filhagem de africanos basta ler os poemas imortais de Castro Alves. Vendidos como «peças», não passando de «coisas», os desgraçados nem sequer podiam orar aos pés de seus ídolos. O grande Babarobô, o poderoso Oxalufã, o Olorum das calcinadas regiões de Angola, demoravam com a sua intervenção misericordiosa. Aos milhões, foram os negros africanos distribuídos pelo mundo sequioso de braços sob algemas, de pescoço sob libambos, de almas mortas para a fé. Com o tempo, porém, os «orixás» negros se confundiram com os santos católicos, numa aculturação religiosa que empolgou sábios do mundo inteiro, e começou a obra invisível dos grandes deuses negros. Impedidos pelos senhores de realizar seus cultos durante a escravidão, depois da libertação de 13 de maio de 1888, continuavam proibidos pela polícia. Mas o mundo dá muitas voltas, e, sem que a sociedade o percebesse, todo o agiológio católico sói-se passando para os «gongás» e «terreiros» africanos no Brasil: A Virgem Maria é **Iemanjá**; S. Jorge é **Ogun; Omolu** é S. Sebastião; **Abaluaiê** é S. Roque; Cosme e Damião é **Ibeji**, diante dos quais se prosternavam os pretos já tolerados pelas autoridades até que o sincretismo religioso chegou aos tempos atuais, quando já não se vêem apenas afro-brasileiros rendendo culto aos seus orixás, e sim gente de «Cadilacs rabo-de-peixe», altas autoridades públicas, banqueiros, industriais, damas das mais elevadas esferas sociais, todos submissos aos «pais de santo», aos «cambonos», satisfazendo «obrigações e transferindo para as macumbas a fé cristã recebida na pia batismal das catedrais. Era a vingança de Orixaalum que chegava quatro séculos depois. Os brancos ajoelhados aos pés dos ícones nagôs!

● Os santos católicos fundidos com os orixás africanos, mas perdendo para êstes. E vieram certas práticas negras para dentro dos templos católicos. Que é a famosa «lavagem» da basílica do Senhor do Bonfim, em Salvador, senão uma tradição iorubana em louvor, a **Obatalá**? E que é o Senhor do Bonfim, senão o próprio **Obatalá** redivivo no Brasil? Para mostrar como estamos em pleno domínio das crenças africanas, veja-se o que sucede a 15 de agôsto, dia de N. S. da Glória, ou nas comemorações de primeiro de janeiro nas praias do Rio, a começar de Copacabana, e reconheceremos o império espiritual dos santos africanos senhores absolutos da fé entre as massas do Brasil e sua alta sociedade. Pois se acham pouco, recordem aquêle belíssimo carro alegórico de um dos grandes clubes carnavalescos na terça-feira, 17 de fevereiro: homenagem a **Iemanjá**, a Rainha do Mar, a Sereia do Mar, com uma figura de mulher no fundo do oceano, peixes a nadar em volta, algas e pescadores à tona, tudo bem iluminado e característico. Quem é **Iemanjá**? Nossa Senhora do Rosário, lá no nordeste, e N. S. da Glória aqui no Rio. E' a vitória de um povo pela mão do tempo, da evolução social, acionando a roda do universo. **Orixaalum** venceu. **Saravá, meu Pai!**

RENATO DE ALENCAR





O BAILE DO TEATRO JOÃO CAETANO, na segunda-feira de Carnaval, foi animadíssimo, afluindo ao mesmo grande número de foliões, especialmente das classes populares. Aqui temos a fantasia mais estonteante, mais luxuosa e «carnavalesca» da festa. Uma «huri» dos serralhos dos antigos sultões da Turquia? Uma «hetaira» sem «yasmacks» dos palácios lendários do Egito? Nada disso. Esta «boa» não é «ela» é «êle»! Não podemos dizer se é um «bom homem», ou um «homem bom», porque o nosso fotógrafo não obteve maiores informações, um tanto escandalizado que ficou. Mas que não era nenhuma filha de Eva, podem crer. Homem, no duro! Diante disso é que os estrangeiros que vêm ao Rio para ver o nosso Carnaval, exclamam: «Hombre, non! Caramba!»



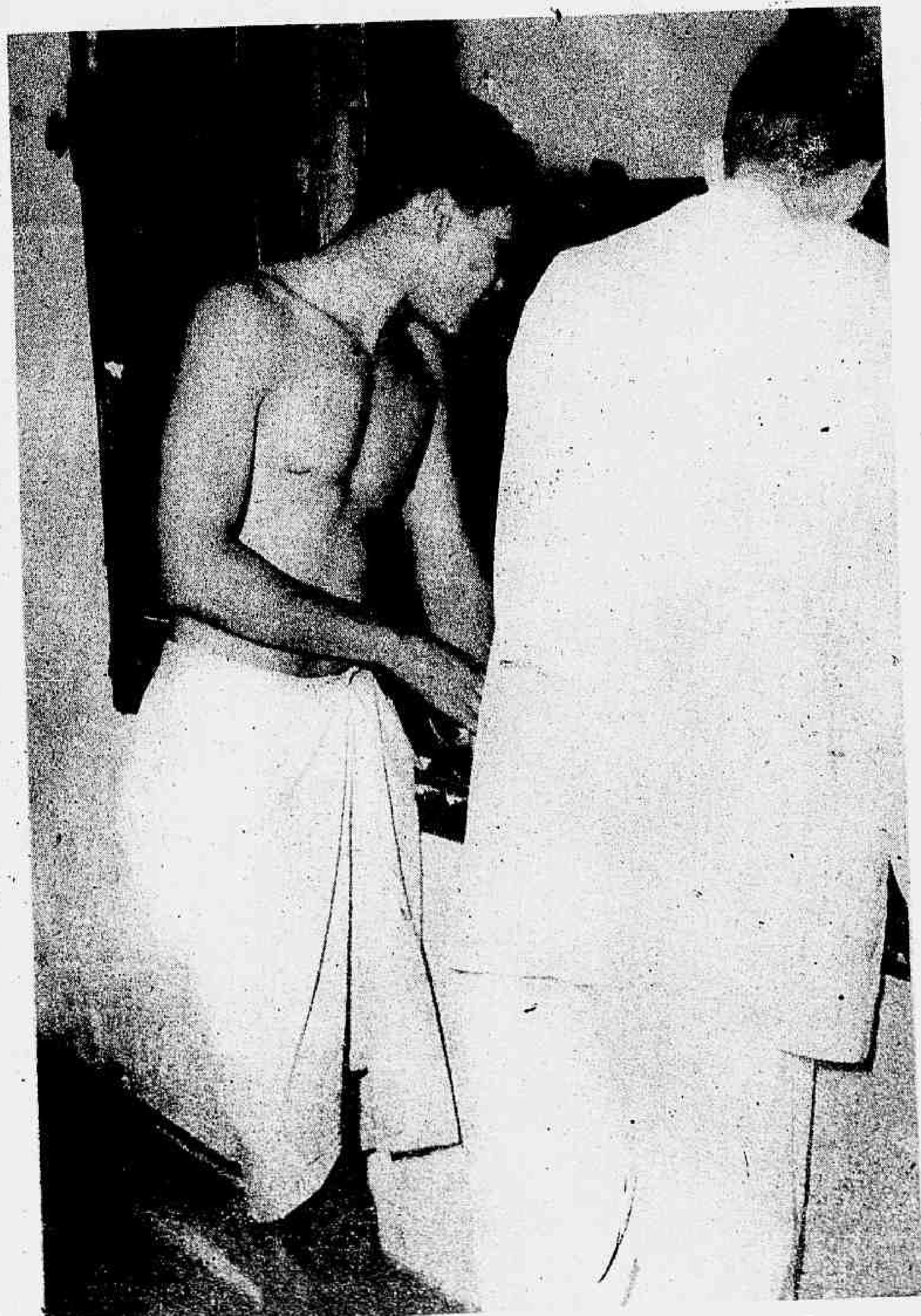
SEBASTIÃO RODRIGUES, prêso e levado ao 23º Distrito, em Campo Grande, confessou seu horrendo crime: devorador de cadáveres. E' um necrófago, que, levado pelas crenças da magia negra de um macumbeiro, procurava curar-se de um mal físico, comendo carne de mortos, e, em seguida, embriagando-se com cachaça. Quando era meia-noite, lá ia êle aos cemitérios suburbanos. Cavava sepulturas recentes com as próprias mãos, descobria os corpos já em decomposição e saciava sua fome mórbida. Apresentando sintomas de intoxicação, era levado a hospitais, curava-se e voltava à necrofagia. Mas suas aventuras tétricas acabaram a 24 de fevereiro. Confessou tudo. Prenderam-no e vai agora ser processado. Um monstro

●

ADÃO APARECEU em pleno Passeio Público! Mas o Adão carioca se chama Vicente de Paula Ricardo, não tem a solidariedade de nenhuma Eva, e exerce a profissão de zelador do clube «Embaixada do Sossêgo», situado no edifício «S. Borja». Vicente, na manhã do dia 23 dêste carnavalesco fevereiro, acordou cercado pela R.P. Estava prêso! Por que, gente? Porque estava nu em público! Levado ao 5º Distrito Policial, explicou: «Bebera bastante. Viu aquêle jardim edênico e deitou-se. Sonhou que era Adão e estava no Paraíso! Um ladrão, com alma de cobra, furtou-lhe a roupa. Sonhava com as delícias do Édem, quando acordou cercado pela polícia». Alguém lhe deu uma camisa para disfarçar, e Vicente de Paula foi para o xadrez.



SEXTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO, estavam várias pessoas na praia do Flamengo, quando foi dado o alarma: «Um afogado!» Era, na verdade, o corpo de um menino que boiava à tona das águas. Retirado e estendido nas pedras do quebra-mar, foi depois identificado. Tratava-se do menor Roberto Trono Porta, de 14 anos, filho de Orio Porta e de sua espôsa Ernestina Trono Porta, residente na rua Cruz Lima, 35, naquele mesmo bairro. Roberto fôra tomar banho no Flamengo na quarta-feira de cinzas, acompanhado de mais dois garotos seus amigos. Em certo momento começou a debater-se, o mesmo sucedendo com um outro, que se salvou. Êle, porém, desapareceu. Dois dias depois surgia, já com as marcas dos siris no rosto.



A PERSONAGEM da SEMANA



A visita que acaba de fazer o Presidente da Argentina, ao Chile, provocou uma série de comentários e as mais diversas interpretações, mesmo nos dois países vizinhos. Mas o Presidente Peron, afinal, declarou que sua viagem tinha sido determinada pelo convite que lhe fizera o seu vizinho dos Andes, nada tendo de mistérios. O que ambos desejavam era estabelecer uma linha de conduta dentro da qual não houvesse dificuldades para o intercâmbio, entre os dois países. Tem a Argentina muita coisa de que o Chile necessita, mas que as condições atuais o proíbem de comprar; por sua parte tem o Chile outros produtos que faltam à Argentina. Eis o motivo do encontro: acabar com as dificuldades e se fundirem, num só corpo econômico, duas nações irmãs, porém separadas pelos velhos sistemas de fronteiras. Mas as primeiras impressões da entrevista do general Peron, por onde estaria evidente a sua intenção de fundir Chile e Argentina numa única nação, ainda não se desfizeram de todo. A entrevista foi infeliz a menos que as palavras tenham perdido a significação. Ainda bem que a retificação não demorou.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana



Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

Três dias de vento

A chuva cessou quando Nick entrou no caminho que atravessava o pomar. As frutas tinham sido colhidas e a ventania outonal soprava através das árvores nuas. Nick parou, apanhando uma maçã de uma macieira plantada à margem do caminho, a qual brilhava entre a folhagem a que a chuva dava um tom escuro. Pôs a maçã no bôlso do impermeável.

A estrada saía do pomar dirigindo-se para o tôpo da colina. Lá estavam o «cotagge», o alpendre vazio, a fumaça saindo da chaminé. Atrás, ficava a garagem, a capoeira e as árvores novas, que formavam como uma sebe contra o bosque. As grandes árvores mexiam-se sob a ventania. Era a primeira tempestade de outono.

Quando Nick atravessou o campo aberto, acima do pomar, a porta da casa abriu-se e Bill saiu. Ficou sob o alpendre, olhando para fora.

— Então, Wemedge?

— Que tal, Bill — disse Nick, subindo os degraus.

Ficaram juntos, olhando para o campo, para o pomar, para lá da estrada através dos campos mais baixos e do arvoredo na ponta da lagoa. O vento encrespava as águas. Podiam ver a rebentação ao longo da ponta.

— Estava ventando como o diabo...

— Vai ventar assim durante três dias — acrescentou Bill.

— Teu pai está?

— Não. Saiu de espingarda. Entra.

Nick entrou. Havia um grande fogo na lareira. O vento fê-lo roncar. Bill fechou a porta.

— Tomas alguma coisa?

Dirigiu-se à cozinha e voltou com dois copos e uma quartinha com água. Nick tirou a garrafa de uísque da prateleira da chaminé.

— E' isto?

— E'.

Sentaram-se diante do fogo e beberam o uísque irlandês com água.

— Está com um gôsto engraçado de fumaça — disse Nick e olhou o copo contra o fogo.

— E' a turfa.

— A turfa não deixa gôsto na bebida.

— Mas a fumaça deixa.

— Já viste turfa?

— Não.

— Nem eu.

Nick espichara as pernas para o fogo, e seus sapatos, na borda da lareira, começavam a exalar vapor d'água.

— E' preferível que tires os sapatos — disse Bill.

— Estou sem meias.

— Tira os sapatos e seca-os, que eu trarei um par. Bill subiu a escada, desapareceu no sótão e Nick ouviu-o caminhar acima de sua cabeça. O tôpo da escada abria-se sob o telhado e era lá que Bill, seu pai e êle, às vêzes, dormiam. Atrás, ficava o quarto de vestir.

Bill voltou com um par de grossas meias de lã.

— E' muito tarde para andar por aí sem meias.

— Não me agrada voltar a usá-las.

Nick calçou as meias e recostou-se na cadeira, pondo os pés em cima do guarda-fogo.

— Assim estragas o guarda-fogo...

Nick deslizou os pés para um lado da lareira.

— Tu tens as últimas revistas aí? — perguntou.

— Só jornais.

— Como vai o Cards?

— Perdeu mais um jogador para o Giants.

— Estão perdendo a simpatia.

— E' o dinheiro — disse Bill. — Enquanto McGraw puder comprar cada bom jogador da Liga não haverá simpatias que agüentem.

— Não pode comprar todos — falou Nick.

— Aquêle cabeçudo vai fazer-lhe bem.

Bill ergueu-se. O calor do fogo estava queimando as suas pernas.

— Êle pode falhar — continuou Nick.

— Sim; um ótimo elemento, mas um pouco pesadão.

— Talvez seja por isso que McGraw o quer.

— Talvez.

— Sempre há certas coisas que a gente não entende.

— Naturalmente. Ainda mais quando a gente está assim tão distante.

— E' como apostar nas corridas sem ver os cavalos.

— E' isso.

Bill apanhou a garrafa de uísque. Sua grande mão abarcava-a. Deitou o uísque no copo que Nick lhe apresentou.

(Cont. na pág. 38)

Conto de ERNEST HEMINGWAY

Ilustração de RAMON



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

— Seria conveniente suprimir as últimas palavras, pois que representam uma punhalada a mais para o pobre rapaz.

— Punhalada? Não tanto, querido. Que necessidade tem de vir incomodar-me? Você, Jocelyn, deve estar até ufano de ser citado em minha carta. Ontem você me disse que eu me envaidecia ao declarar que muito bem poderia ter casado com aquêle cientista de quem lhe falei. Agora vê que ainda há outro partido mais vantajoso.

Pierston tornou mal-humorado:

— Chega. Não quero mais ouvir falar disso. São coisas que me desagradam, se bem que você as diga em tom de brincadeira.

— Pois eu só fiz a metade do que você há feito, murmurou ela meio zangada.

— Que quer dizer?

— Eu só me mostro infiel, olvidando, enquanto você o faz, recordando!

— Oh! Sim. Mas, que poderá você citar de Avícia Caro, para inquirir-me? Mas não me importune a respeito dela. Muito deploro uma coisa tão inesperada como a falsidade.

Márcia mordeu os lábios e lhe subiu o sangue ao rosto.

Na manhã seguinte chegou a resposta dos seus pais ao pedido de consentimento para casar-se com Jocelyn. Com surprêsa para Márcia, seu pai tomou uma determinação completamente oposta à que ela esperava. Fôsse porque já estivesse comprometido, ou que lhe parecesse assunto para futuro e não para o presente o casá-la com um natural da ilha, nascido quando ainda prevaleciam entre as famílias os antigos pontos-de-vista tradicionais a respeito do matrimônio, o certo era que o velho Beucomb estava firme na idéia de desaprovar seu enlace com o odiado Pierston. Não lhe daria consentimento. Não lhe diria uma palavra mais até que se encontrasse novamente com a filha. Se ainda conservava uns restos de sentimento filial e ainda não estava casada, podia voltar ao lar, do qual, evidentemente, havia saído por inadvertência e precipitação. Só então poderia ver o que faria por ela nas desesperadas circunstâncias que ela mesma havia construído. Do contrário, nada faria.

Pierston não pôde deixar de fazer sarcasmo acêrca do menosprêzo em que o pai de Márcia tinha a êle e aos de sua família. A moça se ofendeu e disse:

— Se há alguém merecedor dêsses motejos seus, sou eu. Já vou começando a reconhecer que fiz uma loucura ao fugir da casa de meu pai por motivo tão fútil, como aquêle de um leve excesso de gastos em minhas despesas.

— Eu a aconselhei que voltasse, Márcia.

— Sim, de certa forma; mas não de verdade. E você falou de meu pai com desprimor, como de um comerciante.

— Não podia falar dêle de outra maneira; parece-me que eu, sabendo que...

Ela cortou:

— Que tem você a dizer contra meu pai?

— A você, Márcia, nada; nada além do que é público e notório. Todo mundo sabe que houve um tempo em que êle se esforçou por arruinar meu pai. E pela maneira por que escreve essa carta, continua com a sua velha inimizade.

— Aquêle velhaco, arruinado por um homem tão generoso como é meu pai! Seguramente são falsidades forjadas pelos seus, isso que você diz!

Faiscavam chispas de ódio nos olhos de Márcia. Seu rosto ardia de cólera. Mas o realce que a sua formosura havia podido emprestar àquela exaltação foi anulado pela rígida sever dade de semblante que sucedeu a tudo. Pierston volveu serenamente:

— Márcia, sua ofensa a meu pai é muito grave. Eu, como qualquer pessoa, poderia dar-lhe todos os pormenores do procedimento indigno de seu pai em relação ao meu, começando pela compra das pedreiras, uma após outra, bem como de tudo quanto ali havia. Meu pai conseguiu conservar a sua, graças à sua desesperada resistência e grande valor. Não se pode torcer a verdade dos fatos. As relações entre nossos pais são uma terrível realidade nas circunstâncias em que nós dois nos encontramos desejosos de casar-nos; e não sei mesmo como haveremos de nos desembaraçar destas dificuldades, precisamente agora, que começamos a dar balanço nos fatos.

Resumo da parte já publicada:

Jocelyn Pierston, indo visitar seu pai, ali se apaixonara por Avícia, uma jovem companheira de infância. Mas, ao partir para Londres, conhecera uma outra conterrânea, Márcia, filha de um cidadão inimigo de seu pai. Deslumbrado por sua beleza, esqueceu Avícia e tratou de casar-se com ela; mas a moça preferiu consultar seu pai. A resposta dêste foi contrária. Também recebeu Márcia uma carta de certo jovem que tinha intenção de desposá-la. Pierston nada opôs à vontade da noiva e ficou esperando que ela reconhecesse o caminho da própria independência e voltasse para êle.

— Não creio que nos seja possível, de maneira nenhuma — respondeu a moça com firmeza.

— Não podemos, não podemos de maneira alguma — murmurou Pierston, a contemplar a estampa viva do desdém que oferecia o rosto clássico e os olhos negros daquela deusa.

— Se ao menos me pedisses perdão por te haveres portado assim!

Pierston não podia, de modo algum, reconhecer que se houvesse portado mal com a sua dama excessivamente altiva. E não quis pedir perdão pelo que não havia feito.

Márcia deixou em seguida o aposento. Mais tarde tornou a entrar e rompeu o silêncio dizendo-lhe amargamente:

— Há pouco me mostrei irritada, como disse você. Mas tudo tem sua causa, e talvez seja um êrro você abandonar Avícia por mim. Em vez de casar-se com Rosália, Romeu foge com Julieta. Foi uma felicidade para aquêles dois amantes veroneses que morreram quando deviam morrer. Ao cabo de pouco tempo a inimizade de suas famílias fôra copiosa fonte de discórdias. Julieta deveria ter voltado para os dela e Romeu, para os dêle. O assunto os separou tanto como agora nos divide a nós ambos.

Pierston começou a rir. Márcia, porém, estava contrariada e muito séria, e assim se conservou até à hora do chá. Nesse momento ela lhe revelou que, já que êle não lhe quisera pedir perdão, estivera pensando sôbre o assunto, decidindo-se a ir de qualquer jeito, a casa de sua tia, até que pudesse induzir seu pai a conceder-lhe o consentimento para casar-se.

Ao ouvir esta declaração, Pierston estremeceu, pois se surpreendeu com a sua independência de caráter em questões de que as mulheres se sabem muito pouco. Mas não criou nenhum obstáculo, e, com um beijo estranhamente frio depois de seu recente ardor, o Romeu da escultural Montesca saiu do hotel para salvar as aparências de ter tirado a sua Julieta da casa rival. Quando voltou já Márcia tinha saído.

★

Começaram a trocar cartas os dois prometidos pela precipitação, e a correspondência entre ambos tratou, com grave raciocínio, sôbre a difícil situação a respeito da contenda entre suas famílias. Reconheceram que seu amor tinha sido: demasiado abrupto, muito imprudente, excessivamente rápido, muitíssimo parecido a um relâmpago...

E reconheceram tudo isto com tanta calma e frieza, além de muita prudência, que aquilo não prometia nada de bom para sua reconciliação.

Jocelyn esperava que, passada a irritação de Márcia, ela reconsiderasse as coisas e não obedecesse ao pai. Do ponto-de-vista social nada se opunha a que desse semelhante passo. Ambos haviam nascido na mesma aldeia, tinham os mesmos princípios, embora a família de Márcia gozasse de melhor situação econômica e tivesse mais distinção social; mas, por seu lado, Pierston era um escultor que podia conquistar fama. Desta maneira não se podia considerar matrimônio de segunda ordem para ela o unir-se a Pierston, pois que Márcia só possuía mesmo a qualidade de herdeira da fortuna de seu pai, porém não tinha nenhuma perspectiva de futuro. Assim, se bem que algo desiludido, Pierston considerou questão de honra não mudar de residência, desde que ainda havia esperanças de receber carta de Márcia dizendo-lhe que fôsse encontrar-se com ela a fim de que fôssem unidos ao altar. Entretanto, em certas noites lhe parecia ouvir risadas sardônicas e vozes sarcásticas que o ridicularizavam pelo final de sua novela de amor, enquanto ficava dias inteiros a considerar a fuga de sua Bem-Amada, a quem havia acariciado e agora estava naquela situação triste, quase a desvanecer-se da possibilidade de uma restauração de amor. Ignorava Pierston quando teria novamente o prazer de rever sua Bem-Amada, embora já então reconhecesse que as lembranças de Márcia não estivessem coincidindo com a idealização da Bem-Amada. As relações que tivera com Márcia foram muito fortes, mas muito rápidas para suportar semelhante demora.

Tempos depois lhe chegaram ao conhecimento, por meio fidedigno, duas notícias que lhe diziam respeito. Uma delas foi a do casamento

de Avícia Caro com um primo da mesma; e a outra, que os Beucomb haviam empreendido uma viagem de recreio ao redor do mundo, quando teriam ensejo de visitar um parente do velho pai de Márcia, residente em S. Francisco da Califórnia, onde era banqueiro. Desde que se retirara dos seus ótimos negócios de cantaria, não sabia Beucomb em que ocupar seus ócios e compreendeu que viajar pelo mundo seria muito proveitoso à sua saúde. Resolveu, então, deixar a ilha. Embora não soubesse com segurança, calculou Pierston que Márcia teria também acompanhado o pai. E se sentiu ferido como nunca, pelo que isto significava: a obstinada oposição do pai de Márcia a que se unisse a filha com quem tivesse nas veias o sangue dos Pierston ou o nome dessa família.

Capítulo IX

Pouco a pouco retomou Pierston seu habitual gênero de vida, e sua profissão o absorveu tanto como dantes. Nos dois anos seguintes só recebeu notícias dos Beucomb por alguns compatriotas da ilha. A prolongada viagem dos pais de Márcia havia despertado nêles o gôsto por outras terras e outros céus. Informaram também que o velho Beucomb, homem de robusta saúde, apesar de certos achaques, aproveitava as conjunturas de seu cosmopolitismo e oferecia capitais seus para inverter em emprêsas estrangeiras. Dava-se então o que Pierston havia imaginado. Márcia viajava com seus pais, e, portanto, a separação daquela que, por um triz não chegara a ser sua espôsa por mútuo consentimento, ameaçava converter-se em separação definitiva.

Dava êle agora tratos à bola para descobrir de novo a casual morada de uma outra mulher que encarnasse a obcedante favorita de sua imaginação. Havendo estado na iminência de casar-se com Márcia, pois só lhe faltou a imediata obtenção da licença, havia-se considerado durante algum tempo moralmente ligado a ela por incipiente contrato, e não quis indagar mais em tôrno disso na busca da idealidade desvanecida. Assim foi que, durante o primeiro ano de ausência da senhorita Beucomb, quando guardava absoluta fidelidade à última personificação da Bem-Amada, por si voltava a reatar relações aquêle hombre de estranha imaginação perturbada ante a idéia de como poderia perseverar em seu propósito, se o Fantasma lhe aparecesse de repente onde menos o esperasse e o seduzisse antes mesmo de que pudesse dar-se conta da sedução. Uma ou duas vêzes lhe pareceu vê-la de longe, ao extremo de uma rua, nas distantes areias de uma praia, em uma janela, em um hipódromo, em plataformas opostas de uma estação de estrada de ferro; mas Pierston resolvia sempre dar meia volta aos calcanhares e caminhar em direção oposta.

Durante as várias temporadas que, sem sucessos dignos de menção se seguiram ao gesto de independência de Márcia (diante do qual, por outra parte, não deixava êle, às vêzes, de sentir secreta admiração), infundiu Pierston, em suas criações plásticas aquêle impulso sempre fervente de emoções, que, sem contato com o espaço brota do ânimo e a todos desgasta, menos aos grandes homens. Provàvelmente por esta causa e não porque sentisse inquietude ou ansiedade pelo êxito, triunfou em sua arte com um passo a mais, talvez repentino, e Pierston, de um salto conseguiu transpor todos os obstáculos em que havia tropeçado durante anos. (Cont. no próx. número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



ROMPIMENTO





DANIEL ficou a machucar a carta entre as mãos trêmulas, sem poder acreditar no que acabava de ler. Seria mesmo de sua mulher aquela carta? Não seria talvez o espanto o que o teria feito ver, naquela letra, a letra de Leonor? Não, não fôra o espanto, a letra era realmente de sua mulher, que dúvida! Aquêles caracteres inconfundíveis, de traços firmes, reveladores de uma personalidade vigorosa. Poderia identificar outros pormenores, se o quisesse. Não queria, para quê? Reconheceria aquela carta de relance, ainda que não estivesse assinada. Mas estava. E a assinatura? Poderia acaso pô-la em dúvida? Não, não podia. E o perfume? Sim, havia ainda o perfume de Leonor, tão diferente, tão pessoal! Procurou ler de novo: «Bernardo, querido...» Não pôde ir adiante. As letras entraram a bailar ante seus olhos turvados pelas lágrimas. Chorava. Não sabia se de mágoa, de ódio ou de despeito. Mas chorava.

A princípio, supôs Daniel que a carta datasse do tempo em que sua espôsa fôra noiva de Bernardo Lemos. Fazia já quatro anos. Nesse caso, que mal poderia haver? Nenhum, por certo. Noivos têm o direito de se corresponderem... de se escreverem quanto desejem. De resto, ao pedir a mão de Leonor, não ignorava que ela já tivera outro noivo. Nem ela lho ocultara. Verdade é que não poderia esconder um fato sabido de tôda gente. Todavia, não precisava contar-lhe tudo com tantos pormenores. Fôra leal, isso fôra. Não podia queixar-se. Mas... a data da carta era atual, muito recente: 25 de abril de 1951. Tinha, portanto, pouco mais de um mês. Como já estavam casados há quase três anos, fácil era concluir que sua espôsa mantinha ainda ligações com o antigo noivo.

Tal constatação deixou Daniel aturdido. Primeiro, apenas surprêsa, pasmo, decepção. Depois, uma avalanche de sentimentos os mais contraditórios e confusos, a que não estavam alheios ciúme e despeito. Sentimentos que sempre predominam em circunstâncias tais. Por fim, uma explosão de revolta, de cólera, a que se seguiu um insopitável desejo de vingança. Sim, de vingança. Poderia então admitir que sua mulher o ludibriasse a tal ponto, escarnecendo do amor imenso e puro que lhe votava, e lhe enxovalhasse por essa forma o nome? Não, jamais poderia consentir isso. Teria que vingar-se, era imperioso. E teria que ser uma vingança à altura do ultraje.

Entrou Daniel a cogitar na maneira por que levaria a cabo o seu intento. De que modo fazê-lo? Mataria Leonor? Sim, mataria, isso já decidira desde o primeiro instante. Restava-lhe agora escolher o meio. Descarregar-lhe tôda a carga do revólver? Não, isso provocaria muito ruído, atraindo a curiosidade dos vizinhos. Demais, à sua natureza tímida, repugnava qualquer espécie de publicidade. E o fato haveria, sem dúvida, de deixá-lo em assaz incômoda notoriedade. Em pouco, a bisbilhotice dos repórteres ávidos de sensacionalismo vasculharia todos os escaninhos de sua vida, deixando-lhe a alma a descoberto. Depois, poderia também acontecer que lhe tremesse a mão, errando o alvo. A emoção poderia fazer isso, podia muito. Era comum suceder isso. Não, nada disso. Estava afastada a idéia do revólver. Definitivamente afastada. Experimentaria então o punhal? Isso, o punhal. Era eficaz e silencioso. Viu a lâmina fria penetrando na carne macia de Leonor. Em seguida, um fiozinho vermelho escorrendo na pele rosada. E a vida que se esvairia de manso, sem ruído, deixando o corpo inanimado para sempre. Estava resolvido, usaria o punhal.

Abriu uma gaveta, dela retirando a lâmina aguçada e reluzente. Titubeou à vista do instrumento. Derradeira reação de seu caráter pacífico... ou do grande amor que votava à espôsa. A lembrança da carta, porém, conseguiu afugentar para longe o sentimentalismo, dando-lhe um novo sôpro de coragem. Tinha que pôr um fim a tão incômoda situação.

. . . .

Ao aproximar-se da alcova, estacou, o coração batendo descompassado Através da porta entreaberta, pôde divisar o vulto de Leonor, inclinada sôbre a cêsta de trabalho, entretida na costura. A mão subindo e descendo, para mergulhar a agulha na cambraia fina. Só então se lembrou de que Leonor estava para ser mãe. Num momento, renunciou de pronto a todos os projetos de vingança. Apavorado à idéia de roubar a vida por êle mesmo criada! Ficou desnorteado. Que fazer? Perdoar Leonor e esquecer a ofensa? Não, isso nunca. Jamais poderia perdoá-la. E, ainda que perdoasse, poderia esquecer o mal que ela lhe causara? Poderia ela restituir-lhe a confiança tão duramente traída? Não, impossível perdoar. Abandoná-la, então? Sim, era o que tinha a fazer. Propor-lhe-ia o desquite. Quando a criança viesse à luz, levá-la-ia para longe. Era a solução mais sensata, mais humana. E mais consentânea com a sua índole mansa. Afinal, a morte de Leonor não resolveria nada. Ao contrário, continuando a viver, teria tempo bastante para meditar nas proporções do êrro que cometera e nas suas dolorosas conseqüências.

Êsse prudente recuo pareceu a Daniel uma inspiração dos céus. Com efeito, como pudera pensar em matar sua mulher? O abandono, o desprêzo, eis o que merecia. Depois, a execração da sociedade. E — pior que tudo — o remorso que viria. Haveria castigo mais cruel?

Daniel, a quem essas novas disposições haviam acalmado, deixando-o quase sereno, aproximou-se resoluto da mulher. Esta, que o não esperava, teve um leve sobressalto. Mas foi um breve instante, porque depressa a surprêsa cedeu lugar a uma alegria ampla, que se lhe derramou tôda pela fisionomia iluminada.

— Oh! Querido, que surprêsa! — E, num gesto gracioso, algo infantil, ofereceu os lábios ao marido. Êste, porém, sem pensar em corresponder a tais expansões, indagou logo, áspero, exibindo o papel:

— De quem é esta carta, sabes?

— E' minha, meu bem, que pergunta! Quantas, como esta, te tenho eu escrito?!

(Cont. na pág. 41)



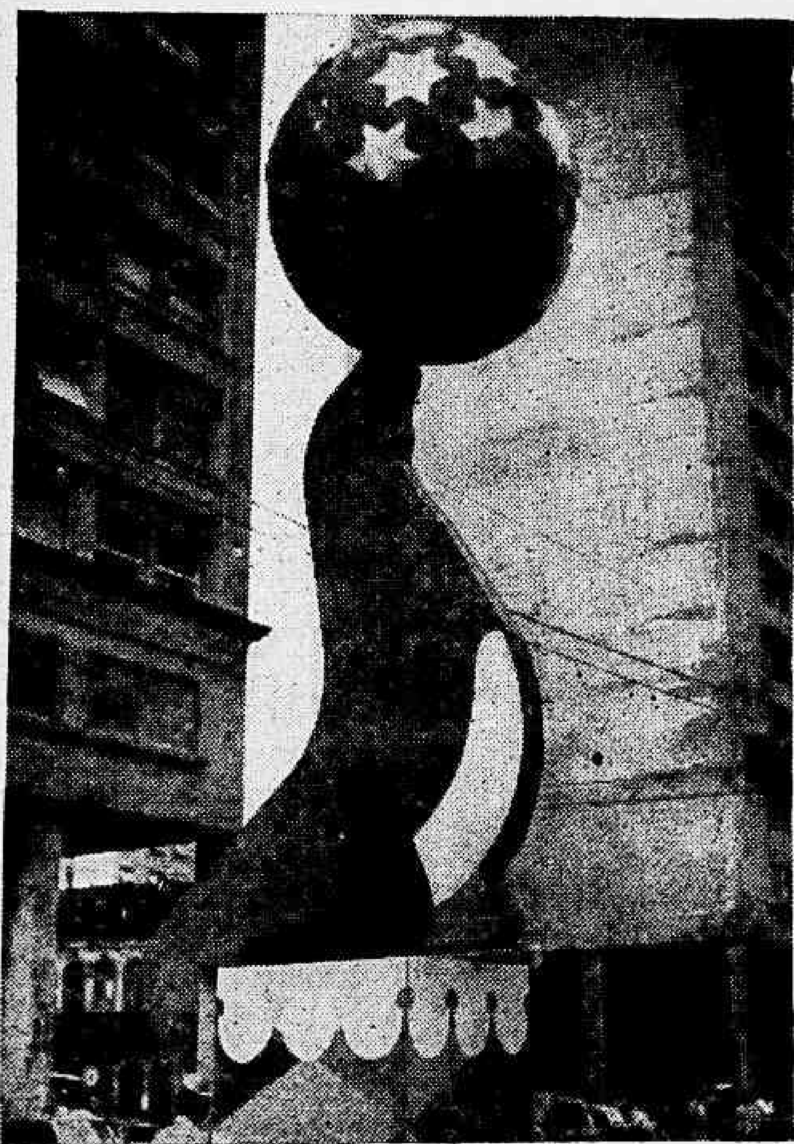
O obelisco da Avenida Rio Branco recebeu esta alegoria: enorme globo de dez metros de diâmetro, sustentado por artísticas figuras femininas.

A FANTASIA DA CIDADE

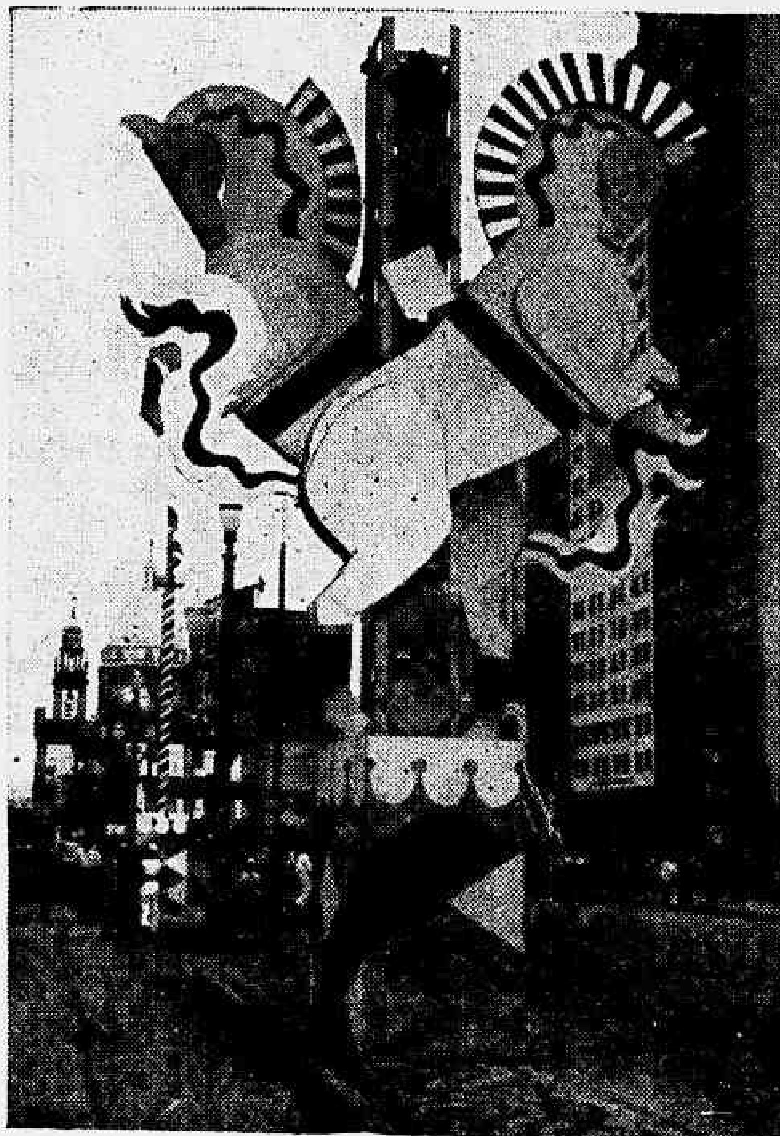
INSPIRAÇÃO CARNAVALESCA ★ DA PRAÇA PARIS AOS SUBÚRBIOS ★ PALCOS PARA DANÇAS ★ A CHUVA ATRAPALHOU, MAS O POVO SE DIVERTIU ★ A METEOROLOGIA OFICIAL SE ENGANOU ★ BANGU TIROU O 1.º LUGAR EM CORETO, SEGUIDO DE MADUREIRA E PIEDADE

A FANTASIA DA CIDADE

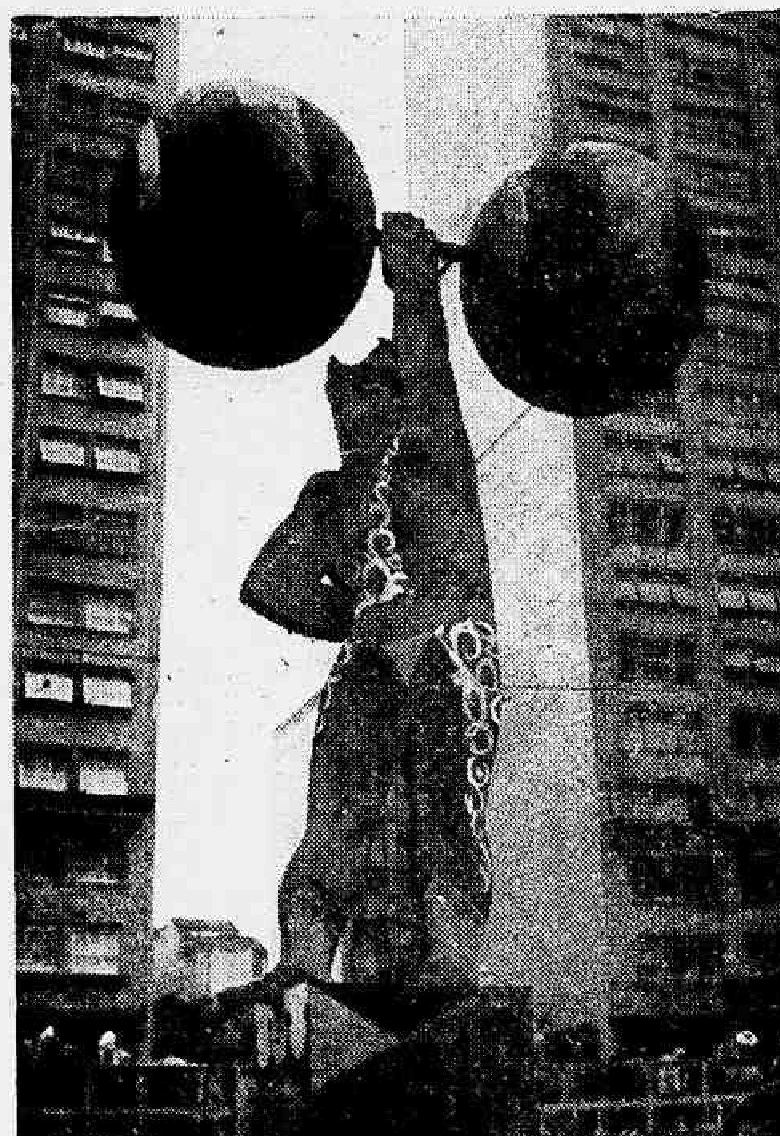




Esta foca de circo também motivou perguntas aos entendidos. Mas, como o Carnaval foi realizado debaixo d'água, nada mais natural, não?

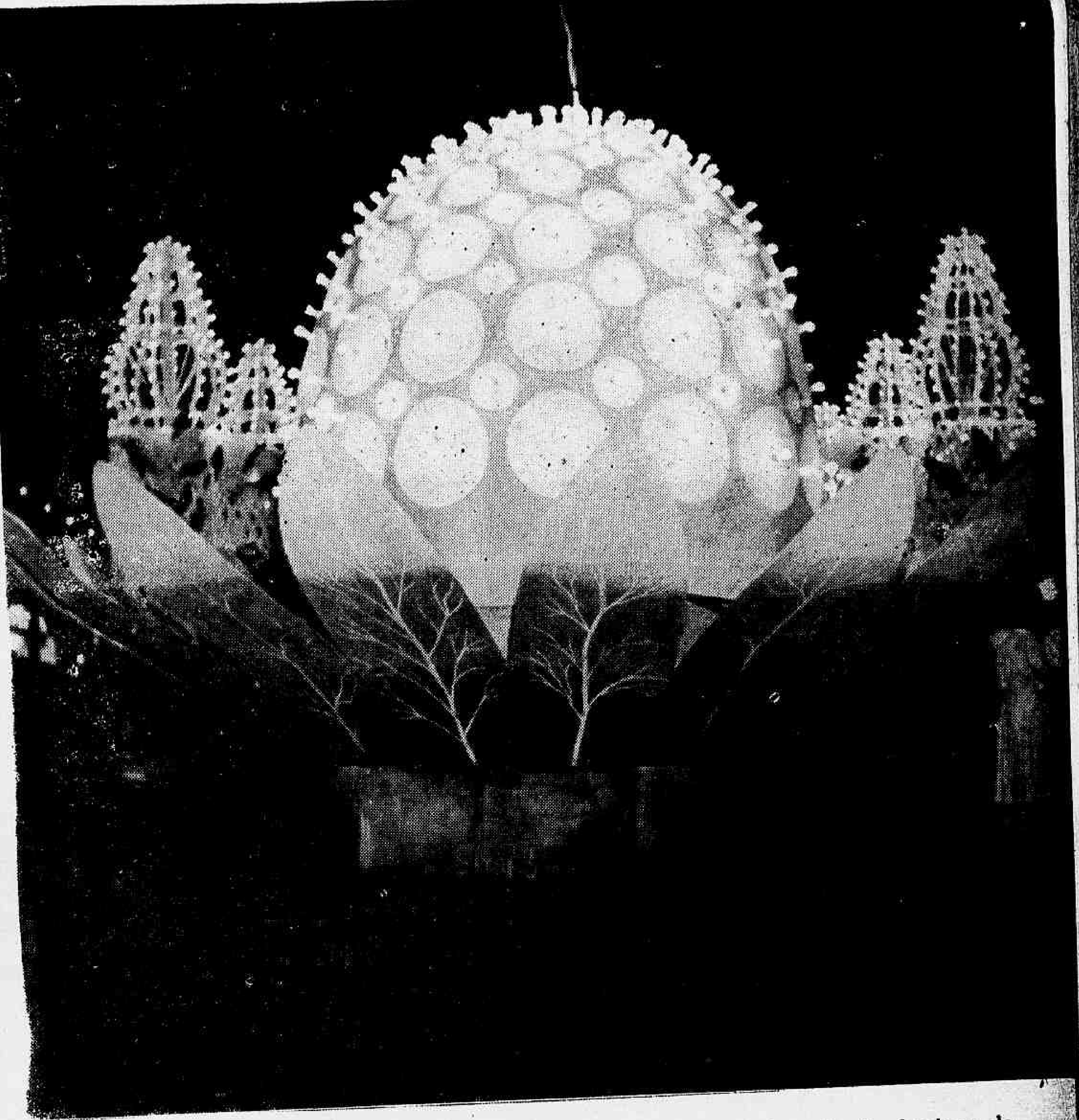


Outra figura decorativa da Presidente Vargas e que provocou discussões. Mas, como vemos, os «bucéfalos» são de aspecto carnavalesco...



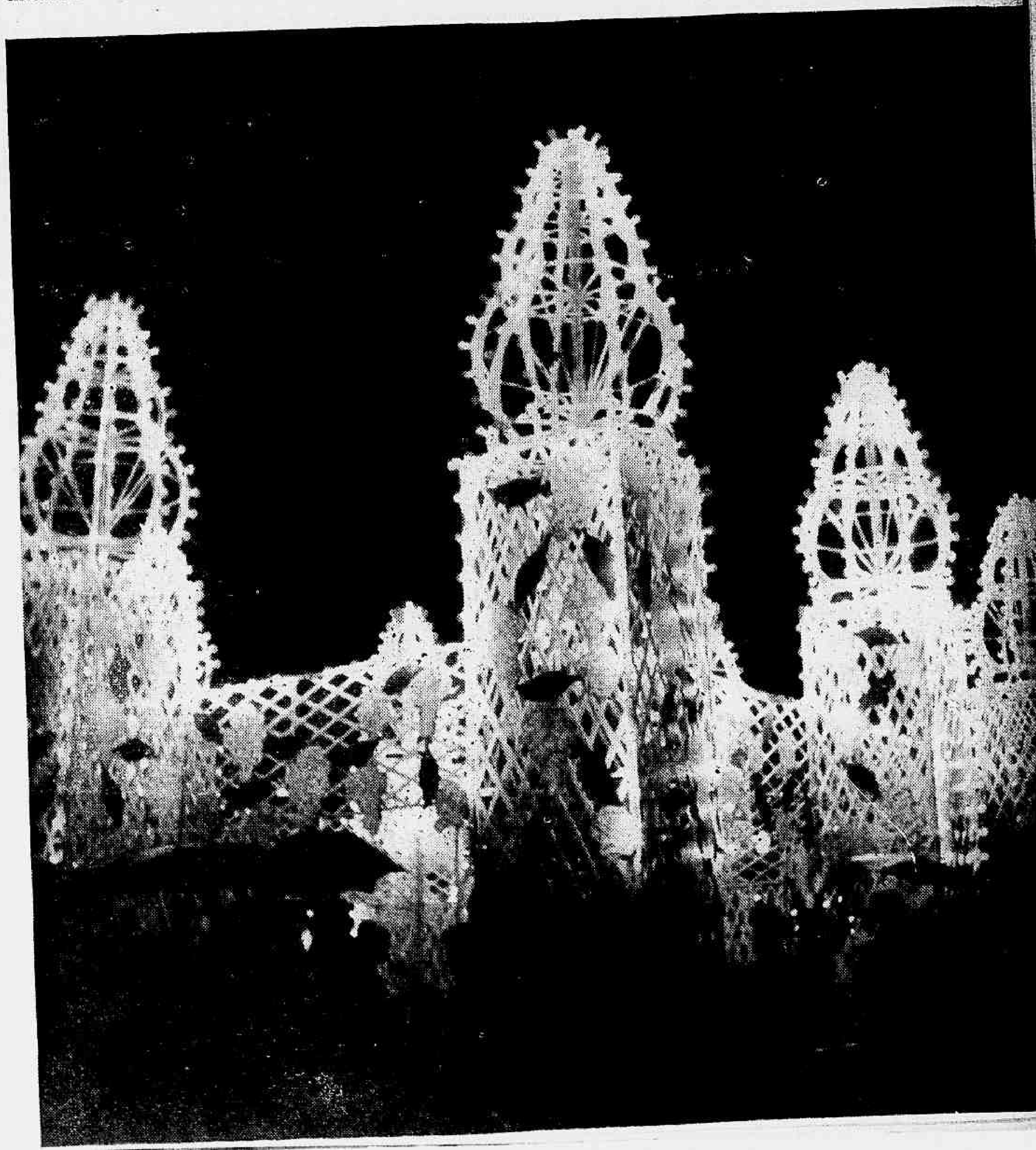
O Atleta da Av. Presidente Vargas, um dos motivos decorativos daquela grande artéria urbana do Rio, no malogrado carnaval de rua de 1953.



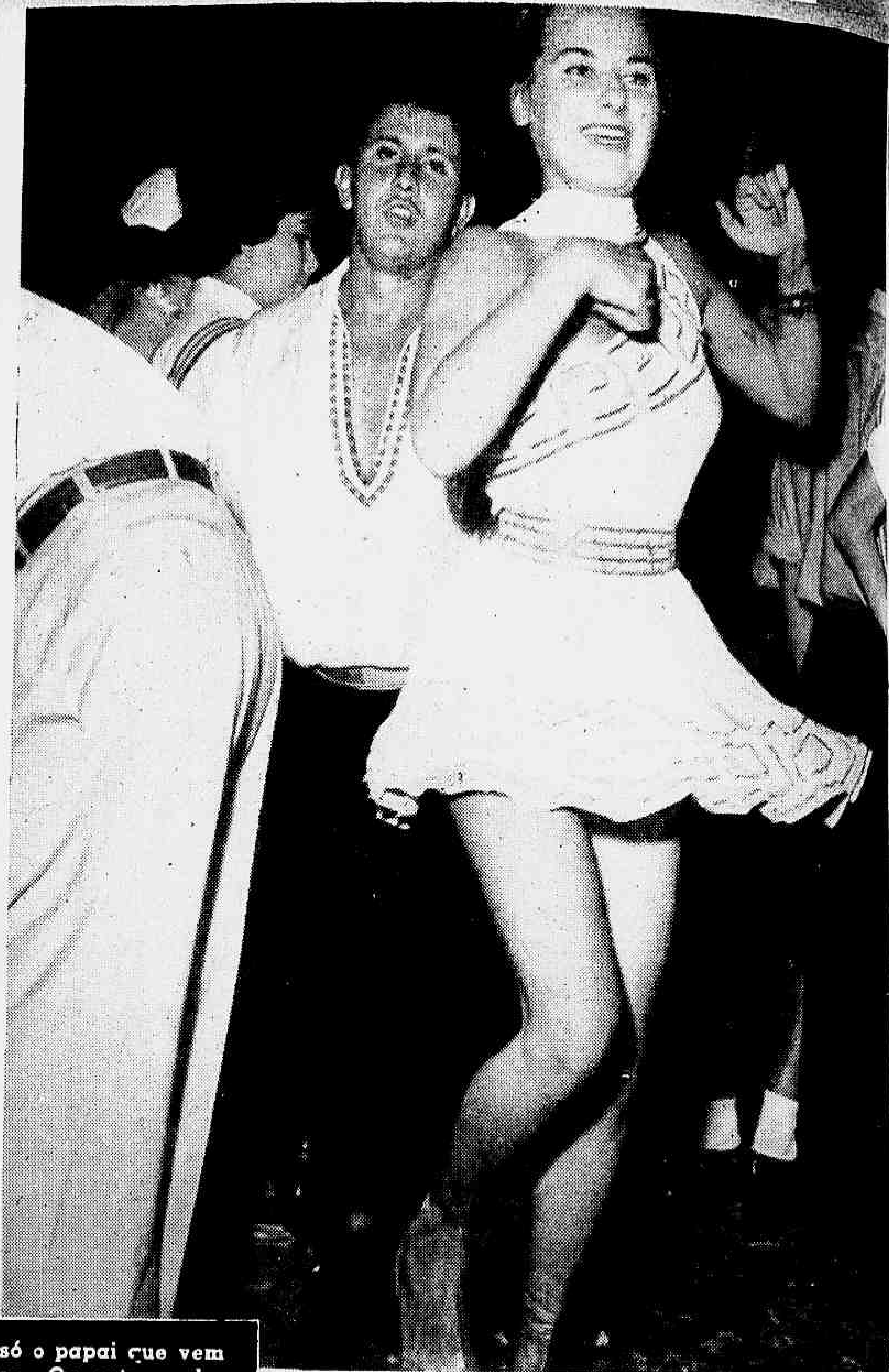


Assim estava êste trecho da Av. Presidente Vargas, sob o temporal da noite de domingo de carnaval. Nas outras duas fotos, um dos «cactus» da Praça Paris e o palanque da mesma praça, intensamente iluminados, dando ao ambiente imponente aspecto. Ao redor muitos guarda-chuvas.

A cidade se enfeitou no Carnaval dêste ano, exibindo um «guarda-roupa» um tanto diferente daquele que estávamos habituados a ver em anos passados. O caso chegou mesmo a provocar discussões entre foliões e se refletiu na opinião de vários dos nossos mais circunspectos jornais. Não há dúvida que os modelos levados a efeito fugiram ao tradicional. Houve a preocupação de originalidade na fantasia da cidade. Os bonecos não surgiram com os «malandros», «os palhaços», «as baianas» tradicionais. Houve uma nova concepção de arte. Os tablados para danças, por exemplo, tinham formas de arquitetura, como sucedeu com o «circo», o «castelo» da Praça Paris, o «jardim» da Praça Floriano, etc., contribuindo tudo isso para dar uma feição festiva e originalíssima ao centro urbano e seus principais subúrbios. O Carnaval de 1953, não fôra a crueldade do tempo que afugentou o carioca desde o sábado, com chuvaradas intensas e intermitentes, os festejos de Momo neste ano teriam um brilho ainda não atingido em anos passados, não sòmente pela massa de foliões como pela magnitude do embelezamento da capital do país. A iluminação chegou mesmo a provocar teimas entre foliões e pessoas que desceram dos quatro cantos da cidade para admirar sua «toilette». Mas, em verdade, tanto a Av. Rio Branco, como a Presidente Vargas, estavam dignas de elogios. Ambas imponentes, até mesmo «debaixo d'água»...







De calças compridas só o papai que vem por ali de ôlho aceso. Os outros aderiram ao «short» e ao movimento livre.







A maré humana crescia e baixava seguindo o ritmo das vozes em côro. E nesse vaivém, cachaça se misturava com água e vice-versa, até de madrugada.

CARNAVAL TRICOLOR

CAMPEÃO em vários setores esportivos, o Fluminense Futebol Clube também quis concorrer no páreo do carnaval. E conseguiu êxito porque o Baile dos Cartolas foi realmente um sucesso. A mocidade esportiva encontrou nos clássicos salões do clube das Laranjeiras um ambiente de alegria que, apesar de todo o entusiasmo, não deslizou para os caminhos escusos da pornografia muito comum nas horas de calor e vibração carnavalesca. Na sua grande maioria as pessoas que ali se reuniram eram sócios e suas famílias, daí que a reunião se caracterizou por ser de um nível só. Os convidados eram jornalistas, radialistas, por seu turno também conhecidos frequentadores e torcedores do Fluminense. As fantasias não foram abundantes (sinal dêstes tempos de crise, inflação e carestia) e como em todos os outros bailes do gênero a pouca roupa foi geral.



Sorrisos de frente de jovens atléticas e decididas, como esta que vemos, houve muitos



A serpentina que no ano passado quase desapareceu, êste ano encontrou uma vida nova



Com dentes alvos assim e rechonchuda, a mocinha foliã gritava: — «Deixa amanhecer!»



LIDO... VISTO...

MELHORE SEU PORTUGUÊS

(Consultório de Gramática)

● **Sebastião A. Silva** (Rio) — Pergunta-nos se está correta esta construção encontrada numa reportagem sôbre futebol: «Depois de vencer ao Fluminense, ainda venceu ao Flamengo», etc.» A dúvida do consulente está no emprêgo do verbo **vencer** regido de preposição, como se fôsse verbo relativo e não transitivo. A construção está errada e não deve servir de modêlo. Só se permite o verbo **vencer** regido de preposição, para evitar ambigüidade. Por exemplo: « **Venceu** ao Vasco o Flamengo». Se escrevermos: «Venceu o Vasco o Flamengo», como é comum em nossa imprensa nas seções de esportes, fica-se na dúvida, sem saber se foi o Vasco que venceu o Flamengo, ou se foi êste que venceu aquêle. Para evitar a ambigüidade, pode-se dar a regência prepositiva ao verbo vencer: «Venceu ao Vasco o Flamengo». Mas só em casos idênticos, com o verbo iniciando a oração. Mas, mesmo regido de preposição, não perde a transitividade.

O QUE RECORDA ESTA GRAVURA?



Relembra uma traquinada de Pedro Américo, quando pintou na parede de seu quarto no edifício do Colégio Pedro II, grande centopéia. O Reitor mandou que um servente enxotasse dali o bicho, mas, quanto mais lhe dava com uma vassoura, mais o miriápode se firmava na parede. Desconfiado de alguma brincadeira do estudante e já consumado artista do pincel, o Reitor mandou que o servente subisse a uma cadeira e examinasse bem a lacraia. E tudo se descobriu: era mesmo uma brincadeira do aluno genial.



A FAMÍLIA REAL DE CÊRA

Nos estúdios de Leopold Gems, em Notting Hill, Londres, o conhecido modelador em cêra dirige os trabalhos para a reprodução em tamanho natural da rainha da Inglaterra, o Príncipe Philip, o Príncipe Charles e a Princesa Anne. Êsse grupo da coroação está sendo feito para venda a clientes da área do dólar. Mr. Gems é perito nesse gênero de estatuária, tendo 45 anos de experiência, e seu estúdio é o único em tôda a Inglaterra. Aqui vemos Miss Daphne Riches, de Kensington, a fazer cachos no penteado da atual rainha da Grã-Bretanha, enquanto seu real espôso se mantém de pé, com aquêle «aplomb» tão conhecido. Cada grupo custará umas 470 libras esterlinas, mas pagas em dólar, segundo deseja o escultor.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

COMO OS TEMPOS MUDAM!

Quem se der ao trabalho de confrontar os hábitos sociais de ontem com os de hoje, verificará como êste mundo está materializado sem a beleza espiritual dos séculos passados. Há um episódio histórico registrado em Poitiers, na França, aí pelos fins do século XVI, que serve de paradigma do quanto eram mais felizes os viventes dos tempos antigos. As casas de família aristocráticas recebiam poetas e filósofos para tertúlias de fino gôsto, quando se declamavam poemas e se contavam anedotas espirituosas sem resvalar para a indecência. Certa noite, quando a família Desroche dava recepção a uma sociedade reluzente, o poeta Estêvão Pasquier viu uma pulga saltar sôbre as alvíssimas rendas da saia de Mlle. Desroche. Sem escandalizar ninguém, disse à dona do inseto incômodo e imprudente, que iria cantar a pulga em versos, pois o caso merecia um poema. Tôda a assembléia presente aplaudiu com entusiasmo a sugestão do bardo francês. Improvisando as estrofes em versos bem medidos e rimados, Pasquier produziu belíssima obra literária, provocando logo depois uma avalanche de versos em grego, latim, francês, italiano e espanhol, saindo todos numa coleção editada em Paris em 1582, intitulada, «A Pulga de Mademoiselle Desroche». Pois bem: dessa coletânea os melhores versos são da própria senhorita que tinha a pulga na saia. O caso chegou mesmo a inspirar uma personagem do alto clero, o abade Barthélemy, que escreveu um poema em três cantos, «Chauteloupée», ou «A guerra das pulgas contra madame la D. de Ch», ou seja Duquesa de Choiseul. Mas o abade não conseguiu sucesso, pois que seus versos são muito medíocres, apesar dos belos motivos da inspiração. Agora olhem o que sucederia hoje em caso semelhante, isto é, se aparecesse uma pulga a passear açodadamente na saia de uma senhorita de nossa alta sociedade: a mãe (dela), culparia a criada por não ter flitado bem o soalho; o pai (também dela), esbravejava contra a existência de cães de estimação no palacete, e os convivas ririam às escondidas e levariam para suas amigas aquela nota de escândalo e sujeira... E ainda há quem julgue que estamos no século da civilização...

★

AS ROSAS DE MALHERBE...

O poeta Malherbe escreveu sentidos versos em memória de uma menina chamada Roselle Duperrier, cuja morte o poeta muito sentiu. Diziam assim:

"Elle était de ce monde, où les plus belles choses
Ont le pire destin;
Et Roselle a vécu ce que vivent les roses:
L'espace d'un matin".

O poema foi à tipografia para ser publicado. Quando as provas foram entregues ao poeta, a fim de ser feita a revisão, Malherbe achou um êrro de composição no terceiro verso. Estava assim composto pelo tipógrafo:

"Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses:"

Malherbe achou que o tipógrafo imprimira mais beleza, mais vigor ao verso, e só teve mesmo o trabalho de substituir o R maiúsculo de **Rose**, por um minúsculo: **rose**. E assim entrou na história uma das mais belas concepções poéticas de Malherbe, graças ao cochilo de humilde tipógrafo, que, ou por inadvertência, ou porque não entendesse bem a letra do poeta, mudou **Roselle** em **Rose, elle**, imortalizando um verso que jamais teria alcançado a fama que conquistou se saísse como o seu autor escreveu.

QUEM DISSE ISTO

1 Estou morrendo a prestações.

2 A República não tem precisão de sábios e de químicos. O curso da justiça não pode ser interrompido.

3 Terei dito alguma asneira?

4 A verdadeira virtude da humanidade é a sua necessidade de virtude.

5 Foch era um homem de imaginação e de coragem, e, ainda mais, tinha qualidade inerente à verdadeira grandeza dalma: possuía a simplicidade.

(Respostas na página 42)



UM ESQUILO DIFERENTE...

Êste menino de nove anos de idade, chamado Ivor Sherlock, reside em Londres. Certo dia, andando pelo campo conseguiu capturar um esquilo de olhos muito grandes e hábeis pernas. Mas, contra um Sherlock não há esquilo que se aprume e o animalzinho foi agarrado. Ivor lhe deu o nome de Sam, levou-o para casa e passaram a ser dois inseparáveis amigos. Sucede, porém, que o amigo de Ivor é louco por chá com torradas ou bolos, justamente o que se passa com seu dono. Sempre que Ivor se senta à mesa para o «five ó clock tea», hora sagrada de todo inglês, que se presa, Sam salta à mesa e, sem mais cerimônias, vai levando, vai levando o chá de Sherlock e comendo-lhe os bolinhos e torradas.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 — DE ONDE VEM A EXPRESSÃO, "LEIS DRACONIANAS":
— De Dragão?
— De Droga?
— De Dracon?

2 — QUEM ERA DAMOCLES, AQUÊLE DA FAMOSA ESPADA:
— Rei de Siracusa?
— Filósofo ateniense?
— Cortesão de Dionisios?

3 — QUAL O MAIS ANTIGO RACIONAMENTO DE VÍVERES QUE SE CONHECE NA HISTÓRIA ECONÔMICA DO MUNDO:
— A do racionamento do arroz, na China, no ano 1100 antes de Cristo?
— A do pão em Paris, na grande revolução?
— A do açúcar nos Estados Unidos, na guerra de secessão?

4 — EM QUE ANO COMEÇOU A JOGAR-SE FUTEBOL NA INGLATERRA:
— 1608?
— 1850?
— 1175?

5 — QUANTOS MÚSCULOS SE CONTAM NA TROMBA DE UM ELEFANTE:
— 40 mil?
— Apenas 800?
— Ou 3850?

6 — EM QUE PARTE DO MUNDO FOI EMPREGADO, PELA PRIMEIRA VEZ, O ÉTER COMO ANESTÉSICO:
— No Brasil?
— Nos Estados Unidos?
— Na Bolivia?

7 — QUAL O PRIMEIRO JORNAL APARECIDO NO BRASIL:
— "Gazeta do Rio"?
— "Diário de Pernambuco"?
— "Jornal do Comércio", do Rio?

8 — QUAL DÊSTES JARDINS DO RIO RECEBEU O NOME INICIAL DE "REAL HORTO":
— O atual Passeio Público?
— O antigo Jardim Zoológico de Vila Isabel?
— O atual Jardim Botânico?

9 — QUE PERDA PARA A HUMANIDADE MARCA A DATA DE 18 DE OUTUBRO DE 1931:
— O terremoto de Iokoama?
— A morte de Edison?
— A morte de Ruy Barbosa?

10 — POR QUE MOTIVO DÃO O NOME DE "MARIA" A UM DOS MAIS POPULARES BISCOITOS:
— Em louvor à Nossa Senhora?
— Em homenagem à popular "Maria da Fonte", de Portugal?
— Em homenagem à grã-duquesa Maria da Rússia, noiva do duque de Edinburgo?

11 — EM QUAL DÊSTES RIOS FICA A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO:
— No S. Francisco?
— No Araguaia?
— No Paraná?

12 — DE ONDE SE ORIGINA O "FLAMBOYANT" TÃO COMUM EM NOSSAS PRAIAS:
— Do Egito?
— Da ilha da Trindade?
— De Madagáscar?

13 — QUEM INVENTOU O PERISCÓPIO:
— Galileu?
— Jean Rey?
— James Watt?

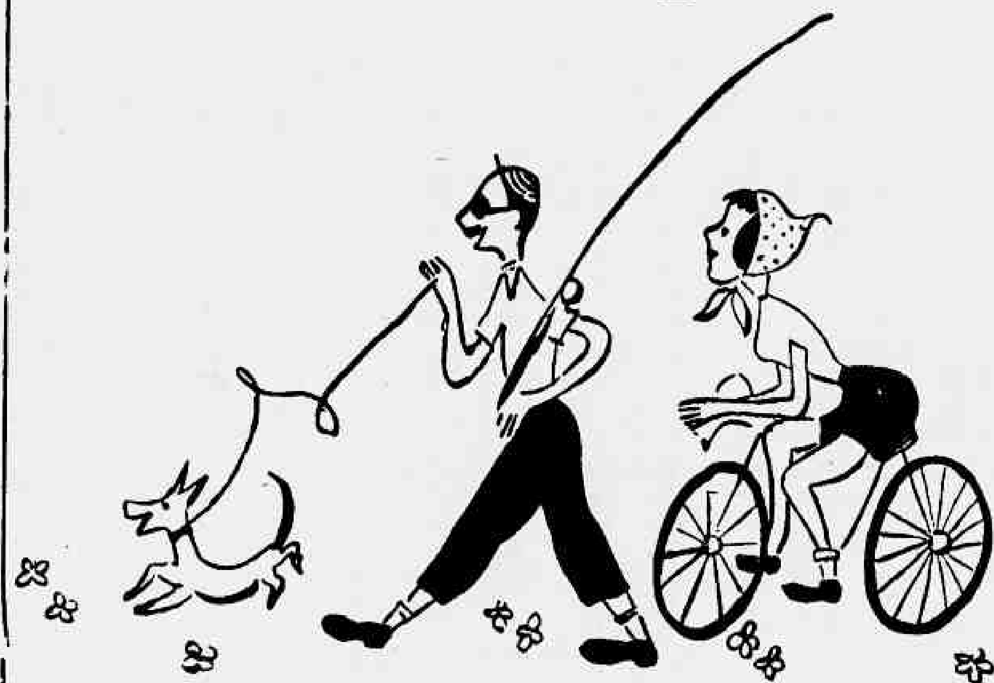
14 — QUAL A PRIMEIRA CIDADE DA AMÉRICA DO SUL A ADOTAR ILUMINAÇÃO ELÉTRICA:
— Campos?
— S. Paulo?
— Buenos Aires?

15 — EM QUE ESTADO DO NORDESTE FICAM AS FAMOSAS FONTES TERMAIS DE "BREJO DAS FREIRAS":
— No Ceará?
— No Rio Grande do Norte?
— Na Paraíba?

Nenhuma	Estado primitivo	— Homem-Macaco
de 1 a 3	cultura inferior	— Selvagem
de 4 a 6	cultura média	— Estudante ginasial
de 7 a 11	cultura superior	— Universitário
de 12 a 14		Um sábio
Tôdas as 15		O gênio em pessoa

(Respostas na página 42)

S. Lourenço Caxambú Araxá Lambarí Cambuquira



Toda a família terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de confôrto em viagem aérea.

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 e 32-7399

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O DESFILE DOS PRÉSTITOS EM PÁGINAS COLORIDAS

•

CARNAVAL EM RECIFE

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● DEDÉ (Rio)

SONHO: Estava num barco impelido pelas ondas, sem direção certa. Levava nos braços uma criança e, ao mesmo tempo, ouvia atentamente as lições de um professor.

INTERPRETAÇÃO: Começo a interpretar seu sonho pedindo que leia a resposta dada a Alícia nesta coluna. Em geral, as embarcações, principalmente as barcas se referem, na simbologia mística, ao próprio Eu e se relacionam com as cousas espirituais e sagradas. A barca de S. Pedro na qual Jesus tantas vêzes pregou a seus Apóstolos é empregada pela Igreja como um símbolo de fé e confiança em Deus. No entanto, vejo que você ainda não soube ser o verdadeiro timoneiro de sua barca (seu Ego) e a deixa vagar ao sabor das ondas, sem dar-lhe a devida e necessária direção (barco sem rumo). Seu coração anseia por ajudar os menos esclarecidos (criança que leva ao colo), dar-lhes a mão e auxiliá-los na altura de suas possibilidades. Seu espírito deve achar-se ávido de conhecimentos (lições que ouvia atentamente), mas ainda há muita infantilidade em seus raciocínios, detalhe que reconheço pela sua letra.

● OSWALDO (Rio)

SONHO: Sonhei que ia subindo uma rua, quando encontrei um carro parado, cujo motorista me era familiar. O veículo estava defeituoso, por isso me ofereci para ajudá-lo e me sentei ao volante. Embora o motor não estivesse funcionando, conseguimos levá-lo até ao alto, quando vi, à minha esquerda, uma ladeira bem acentuada. Ao dobrar a curva e iniciar a descida, senti que ia passar por mim outro carro, que realmente passou sem que eu o visse. Então resolvi encostar o automóvel na calçada, à sombra de uma árvore. O motorista perguntou porque que não descia logo, aproveitando a ladeira. Respondi que seria melhor consertarmos o carro enquanto estivéssemos no alto, porque se êle não funcionasse durante a descida, em baixo seria mais difícil. Nesse momento, apareceram duas mulheres, uma delas grávida e com uma criança no colo.

INTERPRETAÇÃO: Você está atravessando uma fase em que se diminui (carro defeituoso) e não procura sair dêsse estado (carro parado) nem faz esforços para vencer-se a si próprio (motorista familiar) e sair dessa desagradável situação. Não obstante, vejo que possui dotes de coração e espírito (motor parado que consegue acionar o carro) para dominar-se e às circunstâncias que o rodeiam no presente momento. Pouco ou quase nada lhe têm valido os seus amigos (veículo que passou sem que o visse). Há muita gente à espera da «sombra de uma árvore» para descansar e tomar alento e você é feliz por ter encontrado alguém que deve ser o incentivo da sua vida (parar o carro na sombra). Mesmo em sonho, seus raciocínios são lógicos e sensatos (consertar o carro enquanto êle se mantinha no alto) pois é muito mais fácil corrigir-nos enquanto as cousas nos correm relativamente bem, do que quando enfrentamos crises físicas, moraes e espirituais que, em geral, nos desorientam e nos desgastam as fôrças anímicas. Mostra-me o final do seu sonho que, em sua vida, algo de importante espera oportunidade para desabrochar e fazê-lo feliz (mulher grávida). E' preciso, no entanto, que você se conserve senhor de seu autodomínio e não se deixe dominar (saltar do carro) por ninguém, ouvindo apenas a voz de sua consciência.

● R. M. C. (Rio)

SONHO: Achava-me muito doente, impossibilitada de andar, pois fôra atacada de paralisia geral. Só a cabeça e o pescoço tinham escapado à paralisação e eu os movia com tristeza, quase sem fôrças. Um detalhe: no círculo de minhas relações conheço certa moça que possui conhecimentos ocultistas e que eu julgo capaz de soerguer as fôrças dos desalentados; no sonho eu pedia, com insistência, que a chamassem. Em dado momento vi-a aproximar-se do meu leito e disse com imensa alegria: — Só você me pode salvar.

INTERPRETAÇÃO: E' muito comum atribuirmos a outrém o poder de reanimar-nos, quando também possuímos a mesma fôrça. Todos sabemos que as situações inibidoras da vontade nada mais são que polarizações negativas de uma fôrça. Você talvez estivesse cômodamente habituada a ver seus problemas resolvidos por sua amiga e tendo esta se afastado se sentiu sem coragem de reagir (paralisia) ao meio ambiente, hostil às suas idéias. Tanto que, com a chegada de sua amiga, nova seiva invadiu seu organismo. Isso prova que houve uma reação de sua personalidade. Também seu sonho me deixa ver uma situação desagradável por que passou (enfermidade) sem que tivesse feito esforços para dela se livrar. Não obstante, você sabia que teria de continuar a enfrentar a vida (cabeça imune da paralisia) embora com dificuldade. Deve ter havido também, na mesma época, ou em épocas remotas, perturbações sentimentais bem acentuadas que, em tempo, foram corrigidas. Talvez a perda de um grande amor que você julgava **insubstituível**...





Marie Windsor de braços com Jorginho Guinle, a sra. Guinle com Cesar Romero à sua esquerda. Foliões muito alegres no famoso baile do Municipal.

Fotos de ARNALDO VIEIRA

TANTO para o turista como para o nosso uso interno, o baile de segunda-feira no Municipal é, sem dúvida, o ponto alto do carnaval. A seleção se faz primeiro pelo próprio custo do ingresso e em segundo lugar pela obrigatoriedade do traje a rigor ou de fantasia de luxo, correndo o risco do cidadão gastar o dinheiro da entrada e não poder entrar por não estar com o traje ou o «travesti» adequados.

Além do mais, a decoração do nosso primeiro Teatro também é cuidadosamente preparada a fim de se tornar de fato o lugar para as galas maiores do tríduo carnavalesco. E assim tem sido. O prefeito Mendes de Morais reabilitou o baile que estava ameaçado de fracasso, instituindo prêmios valiosos para as fantasias mais ricas, mais originais, dignas de merecerem o aplauso pelo bom-gôsto e pela elegância. Êste ano o baile apresentou a característica inédita da refrigeração, o que por certo é um motivo de regozijo que se faz extensivo a todos os que irão ao Municipal no curso da próxima temporada. Os astros norte-americanos que vieram para o carnaval estiveram também abrilhantando com sua presença o grande baile. Fantasias lindas houve muitas, porém não foram tão luxuosas como a dos anos anteriores. Em outra página da REVISTA DA SEMANA publicamos as fotos das quatro primeiras colocadas. À entrada do Municipal desde cedo grande multidão se aglomerou para assistir à entrada dos foliões grã-finos. Algumas fantasias foram aplaudidas ali, ao saltarem suas donas dos automóveis. Os foliões divertiram-se a valer, registrando-se apenas duas brigas. Uma delas causada pelo filho do deputado petebista Joel Presídio, que atracou-se com os policiais, levado pelo calor do entusiasmo e do uísque. Mas para tanta gente, duas brigas até constitui «record».

ALEGRIA E ELEGÂNCIA NO MUNICIPAL



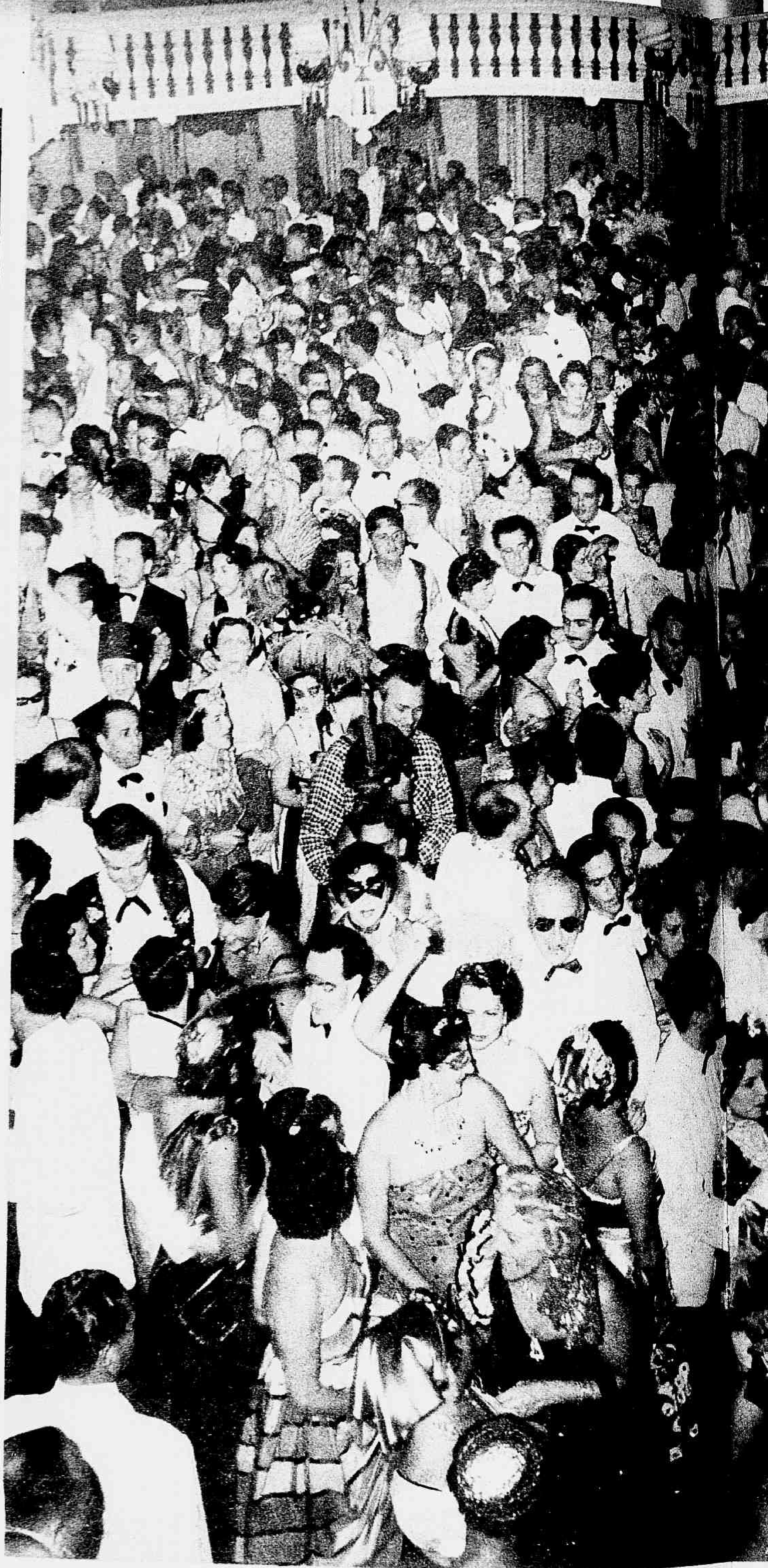
Madame Jorge Guinle, mesmo sem fantasia, brincou à vontade com o astro americano.



Esta Baianinha botou a língua de fora e disse maciamente: — «O que é que há?»



O deputado petebista Luthero Vargas também estêve na folia dando pulos a valer.



Vista geral do que foi o baile do Municipal. Sobressaem os summer-jacket. Fantasia para homem quase



ALEGRIA E ELEGÂNCIA NO MUNICIPAL



Êstes três lindos «brotos» que aqui são vistos fizeram o carnaval ao seu modo: — fumando em longas piteiras cigarros um atrás do outro. As peninhas brancas que aparecem em suas testas não atrapalharam.





...m quase nenhuma. As damas é que brilharam.

Esta cigana de duas peças achou que depois de beber «champagne» o melhor era ser carregada.

Enquanto esta outra afirma que cachaça não é água não. E levanta a sua taça bem ao alto.



O intérprete de «Dona Cegonha», Black-Out, apareceu com sua tradicional fantasia de General da Banda. Cantou, dançou, foi aplaudido e fotografado...



Pouca roupa é vista em primeiro plano, e gente nada carnavalesca descansa na frisa.



Esta lourinha de «maillot» é de opinião que o feixo «eclair» é uma invenção muito prática.



Este casal, por seu turno, afirma que na areia tem muito mais peixe que no mar.

AS PREMIADAS DO BAILE DO MUNICIPAL



1.° lugar: BAILARINA — Maria Gracinda Teixeira



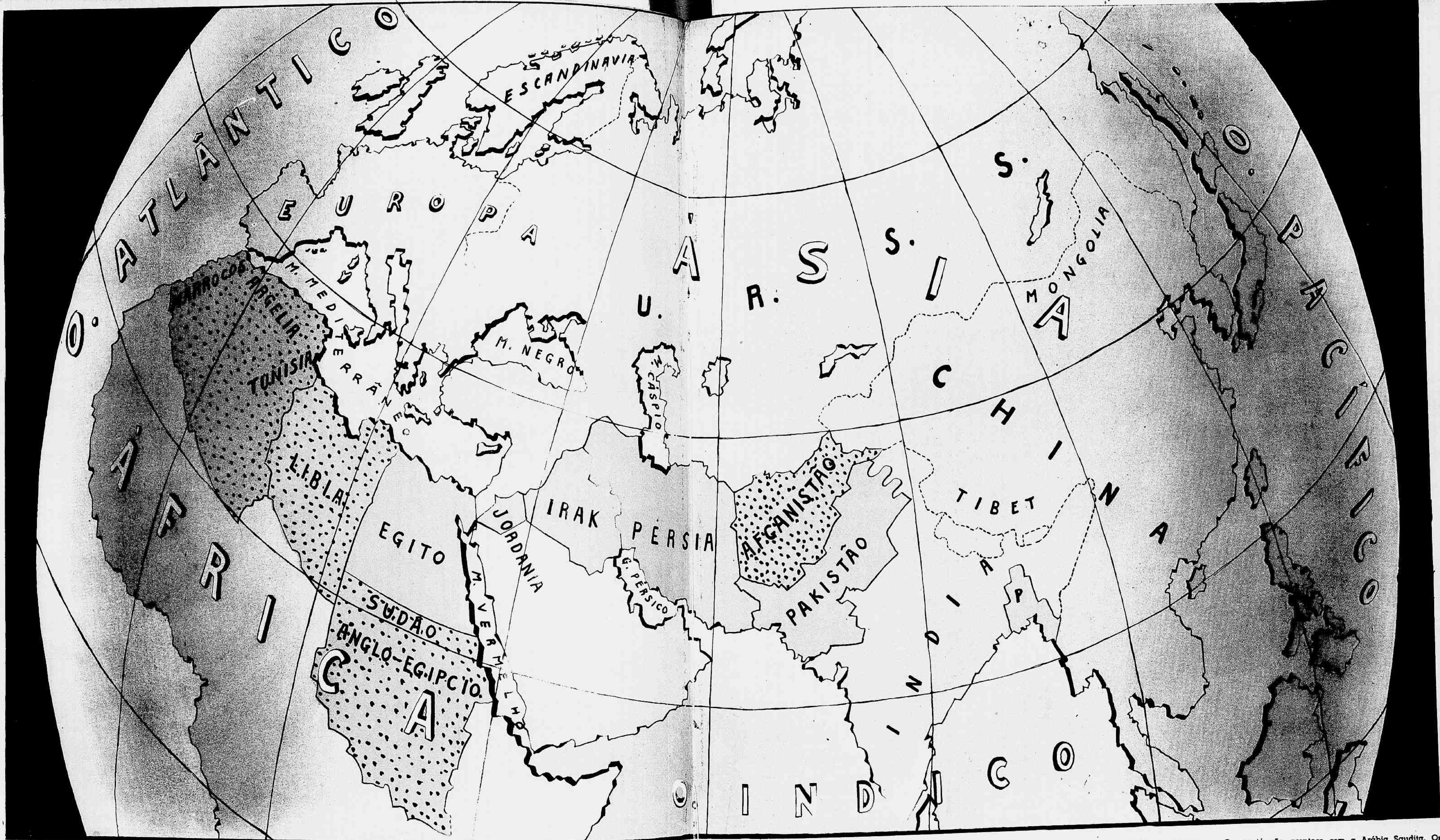
2.° lugar: PASSARO DE FOGO — Lília Brunsk



3.° lugar: MORCEGO — Áurea do Nascimento Souza



4.° lugar: AVE DO PARAISO — Josefina Mangabeira



FRENTE ÚNICA DOS POVOS MUÇULMANOS

A população considerada muçulmana foi calculada antes da segunda guerra mundial em 380 milhões de habitantes. Coube a cada continente uma porção. 280 milhões na Ásia. 94 milhões na África. Na Europa, 4 milhões. 1 500 000 na Oceania e 500 000 na América. Há muçulmanos no Afganistão, Arábia, China, Filipinas, Jordânia, Índia, Indonésia, Iraque, Israel, Líbano, Paquistão, Pérsia, Síria, Tailândia e Turquia asiática. Isto só para falar da Ásia. E' a que mais interessa pela sua atual posição em prol de uma comunidade islâmica isenta do contrôle estrangeiro.

Os muçulmanos asiáticos, e não asiáticos, contam entre si tais diferenças que seria um êrro considerá-los formando um bloco único. Todavia, não devemos esquecer o caráter "total" da religião muçulmana. Embora separados por dezenas de quilômetros, perante determinados fatos podem se modificar as suas relações para um sentido de unidade. A "união do Islam" ainda é uma dura realidade para a Europa. E é esta unidade que vem surgindo da aparente confusão da coletividade oriental. Tende a desaparecer aquêle respeito reverencial pelo estrangeiro, representado no inglês, em face de um nacionalismo que toca às raias da xenofobia.

O mundo muçulmano quer a suà independência. Por isso lança aos povos colonizadores a mais tremenda acusação ante a imensa pobreza das colônias. O Egito do ex-rei Farouk era independente, porém a fome e a miséria de seus camponeses, sob a dominação britânica, prepararam a derrubada da monarquia e o fortalecimento do regime instituído pelo general Naguib. O exemplo do país do Nilo aguça o nacionalismo da grande comunidade muçulmana.

A agitação árabe se caracteriza por uma luta aberta contra a dominação européia. Contra os inglêses, cuja dominação foi sempre econômica, e a que também apresenta danos presentes e passados, mais acirrados se mostram os ânimos numa inconformada insubordinação. Contra a colonização francesa, mais militar, se rebelam os líderes da confederação asiática e africana dos povos da meia lua.

Nessa verdadeira guerra santa dos fanáticos do Islam têm perecido os que procuram uma solução moderada. O último a pagar com a própria vida moderação foi o primeiro ministro do Paquistão: Liaquat Ali Kham. Era um sincero amigo do Ocidente e inimigo do comunismo. Fôra ex-aluno de Oxford. Ao lado de Mohamed Ali Jinnah, ajudara na criação definitiva do Estado muçulmano da Índia e do Paquistão.

Com a morte de Jinnah assumira o poder. Quando falava em Rawalpindi sôbre a questão do Cashmir, foi assassinado por um dos fautores da guerra santa.

Alguns dos principais chefes do movimento nacionalista islâmico conhecem bem os inglêses, por haver transcorrido boa parte de sua vida a combatê-los. E alguns até por terem sido seus colaboradores e terem se formado em suas escolas. A verdade é que todo sistema criado pelos bretões no Médio Oriente vai sendo aglutinado dia após dia, pelo avolumar-se do sentimento de liberdade. Abadã e Suez são dois símbolos a conclamar a imensa gente muçulmana a construir o próprio porvir.

A formação da frente única muçulmana é hoje uma realidade no mundo de após guerra. Com o término da primeira guerra fazem pressão os egípcios, reconhecendo os inglêses o novo Estado do Iraque. Atualmente os muçulmanos formaram a Liga Árabe. Uma confederação com a finalidade anti-hebraica e anti-britânica. Fazem parte da Liga Árabe: o Egito, o Iraque, a Síria, o Líbano, a Jordânia e a Arábia Saudita. A Jordânia, apesar de ser membro da Liga, tem suas pretensões no sentido de unificar sob uma só coroa, os Estados do Iraque, Síria e Líbano. Neste caso, sob a coroa do rei da Jordânia. A Síria é, desde 1946, uma república independente. Conseguiu se libertar do jugo francês. Outra república do Médio Oriente é o Líbano. Além de ter uma universidade americana, o Líbano tem esta particularidade: a metade de sua população é cristã, e entre os cristãos também os maronitas.

A influência americana no Oriente é cada vez mais profunda contra todo sentimento de repulsa. O famoso quebra-cabeça da Anglo-Iranian levou a diplomacia da Casa Branca a interferir diretamente no mundo árabe. No Iraque a colaboração com inglêses, americanos, holandeses e franceses, ainda não sofreu solução de continuidade.

O que já não acontece com a Arábia Saudita. Os Estados Unidos têm uma importante base aérea em Dharahm, sôbre o golfo pérsico. Ryadh é a capital da Arábia Saudita, o mais vasto dos Estados árabes, que conta nos seus limites com a célebre cidade de Meca. A política inglêsa e estrangeira de empurrar os muçulmanos contra os muçulmanos, não surtiu efeito. O caso de Israel foi um exemplo do jôgo diplomático das potências outrora senhoras dos vastos domínios muçulmanos. Cêrca de 800 árabes que deixaram a Palestina, representam uma constante propaganda anti-britânica e anti-hebréia. E não obstante a sua divisão, os árabes da Liga estão sempre prontos para formar uma frente única contra Londres.

A personificação dêste estado de permanente agitação do mundo islâmico está consubstanciada nos seus dois líderes de maior projeção no cenário da política internacional: Mossadegh e Naguib. De tôdas as Associações a que mais tem se destacado pela sua eficiência e audácia é a "Associação dos Irmãos Muçulmanos".



Um Gatinho, um Marujo e uma Francesa cantam em côro a pulmões plenos: Eu êste ano vou sair de touca, com uma chupeta na bôca! 72 horas de farra.

O FAMOSO BAILE DO IATE

NA curva de águas mansas da enseada de Botafogo, ao pé do Pão de Açúcar, balançam nas águas os lindos iates brasileiros que alegram a Guanabara aos domingos e ganham prêmios internacionais das grandes regatas. Mas quando sopra o vento forte dos três dias do reinado de Momo, Primeiro e Único, a paisagem muda de figura. As sereias saem das águas salgadas para derramar pimenta pelos salões do Iate. E os bailes são acesos. As fotografias têm uma linguagem muito mais eloqüente que qualquer comentário desabrido. A pouca roupa é o ponto alto. Maiô virou fantasia. Short é quase obrigatório. A desculpa é o calor. Apesar da chuva ininterrupta dos três dias. Mas a verdade seja dita, não se trata de uma exclusividade do Iate. E' que o velho ditado do cria fama e deita-te na cama continua valendo. Durante três dias a febre carnavalesca toma conta da cidade e se Jean Paul Sartre viesse ao Rio ficaria admirado de encontrar em pleno funcionamento, mesmo à sua revelia, uma perfeita escola existencialista. Seria até bom que alguém se lembrasse de convidá-lo. Porque, pelo menos levaria um ensaio pronto, daqui, para publicar em Paris, onde ninguém conhece quadro tão vivo de nu e ritmo pintado em público. E' mais uma exclusividade do Brasil, onde quase tudo é clàssicamente o "maior do mundo".







Vamos ver o que houve: um grego aprova o decote como o maior acêrto da moda. A grega não quis tirar a máscara da face por nada dêste mundo. Houve alguém que disse que andar cansa muito, que montar nos ombros é coisa muito mais cômoda. Questão de gôsto e de oportunidade. Outra, esta







linda e apetitosa abriu as asas de uma fantasia imaginária e que asas! Outra (tá bom deixa). Os dois Pierrots se convenceram que nem só de pulos vive o carnaval e foram tomar fresco. Um índio recém-chegado do alto da cordilheira dos Andes tomou dois brotos pelos braços e foi contar a vida da







«sierra». E, finalmente, o Gato abraçou o marujo e foi deixando o passarinho de lado. Coisa de gato. O importante é que todo mundo andou como quis.



Morena, com pintinha no rosto, plumas e luva de renda, onde irá seu pensamento?



Junto com o abraço vai o estribilho: — «Mulher dando sopa eu apanho, eu apanho.»

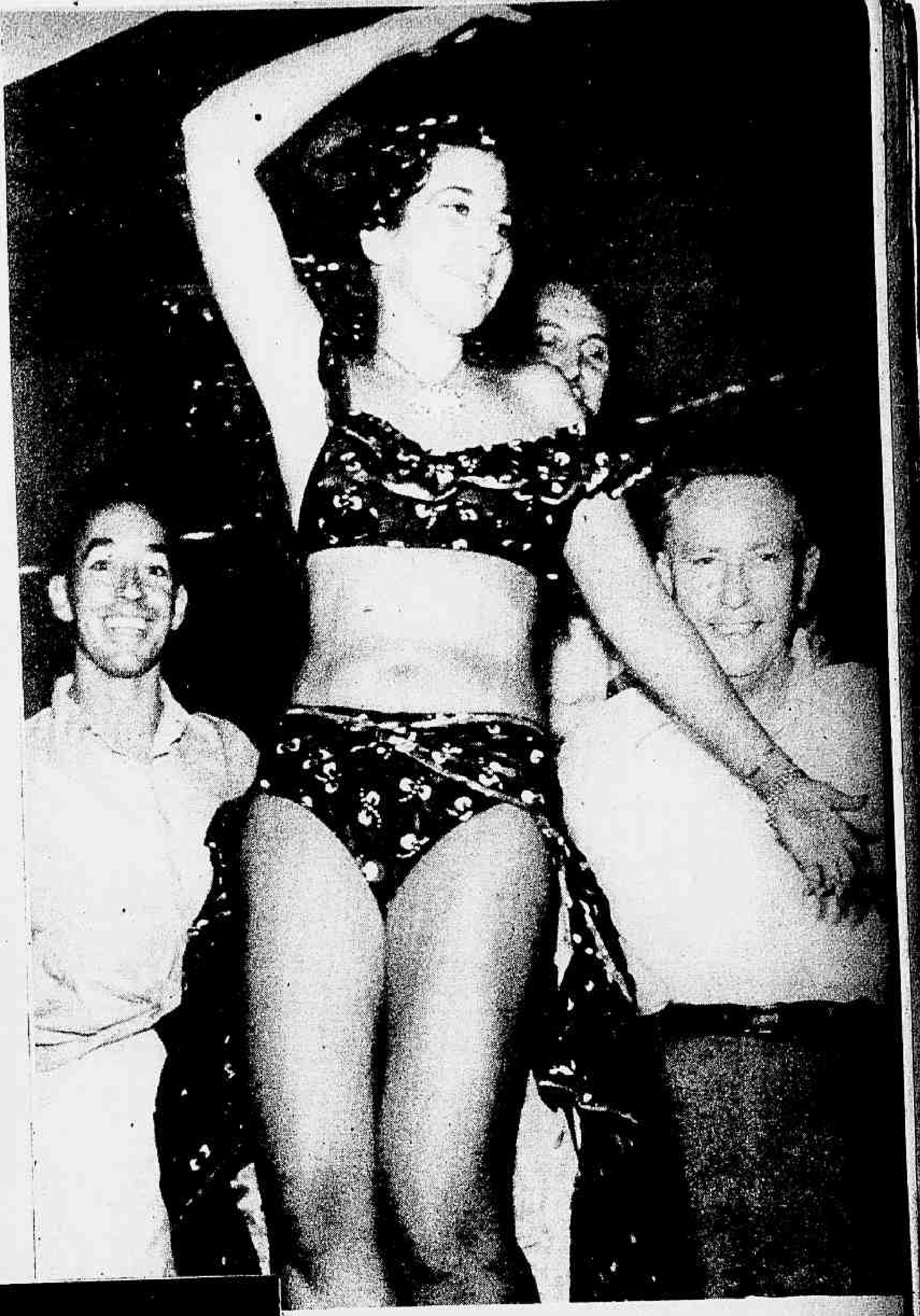


Para Balzac não há como a mulher de trinta anos. Mas será que a vida começa aos 40?



Estas piteiras já andaram fumando no Teatro Municipal da cidade do Rio de Janeiro e aparecem aqui de novo. São boas, não há dúvida.





O existencialismo é uma filosofia passageira. Mas nos dias de Momo é oficialmente adotada pelos brotos e balzacas.

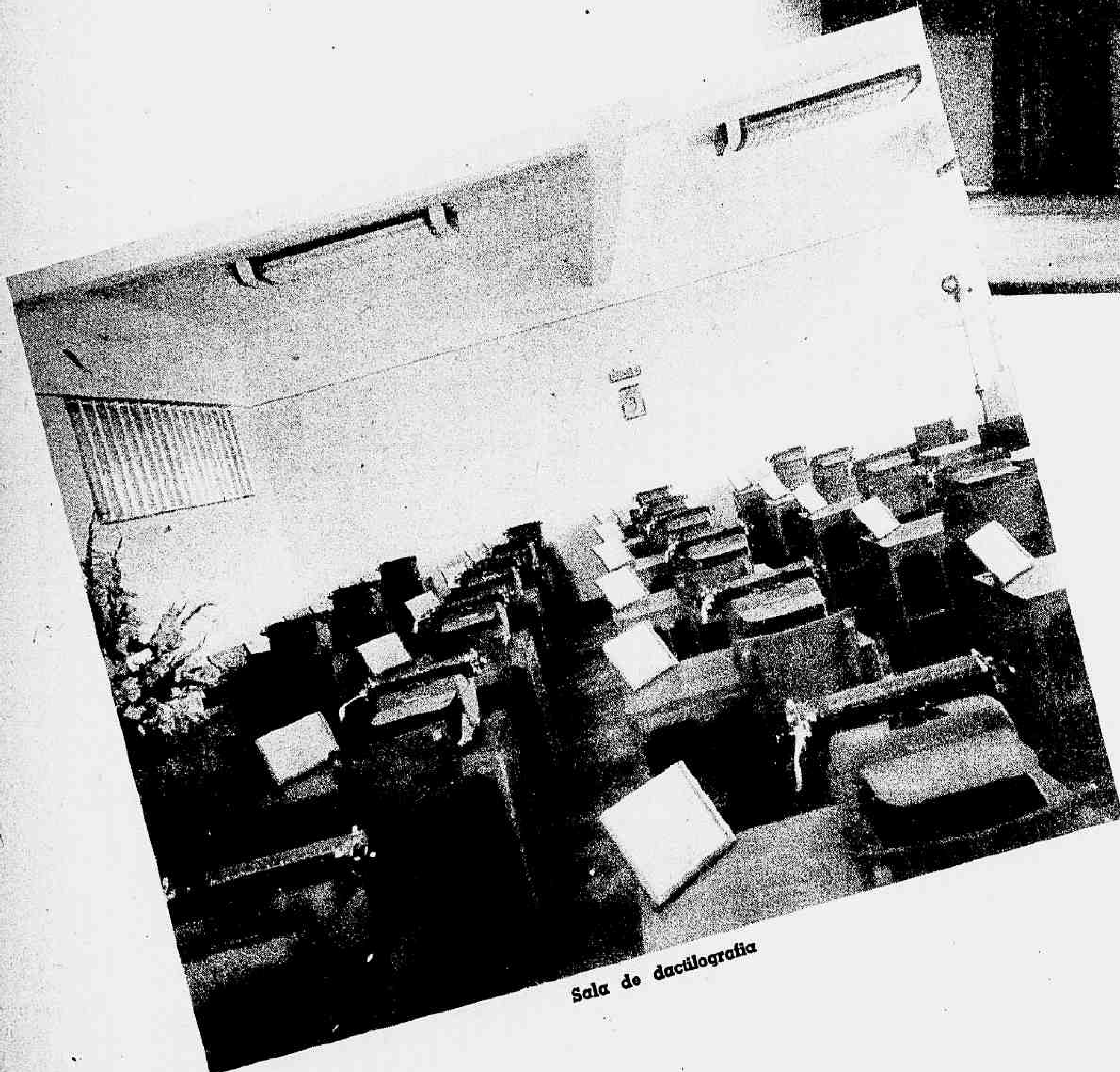




A ESCOLA REMINGTON
em Olaria

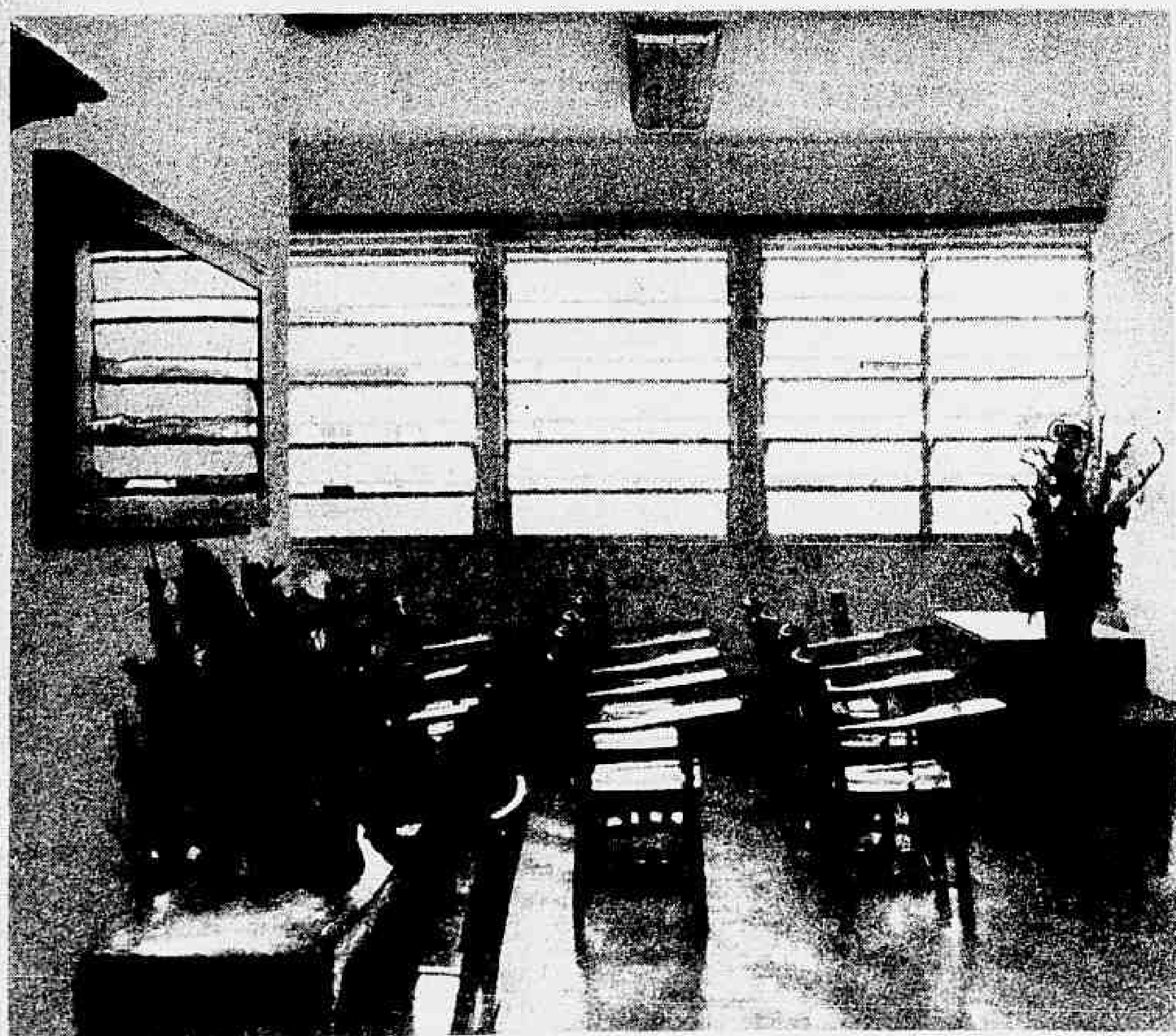


Sede da sucursal de Olaria



Sala de dactilografia

A Escola Remington, tradicional organização de ensino de dactilografia e de taquigrafia, desta Capital, inaugurou, no mês passado, uma sucursal na Rua Uranos, 1440, em Olaria. As fotos que ilustram esta página foram colhidas no dia da inauguração dêsse novo Departamento da Escola Remington, que vem servir os populosos subúrbios leopoldinenses.



Sala de taquigrafia



Grupo em que aparecem professôras e funcionárias

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

UM LIVRO:

"FONTE DE AROMA"

ESTE novo livro de poemas de Amélia Tomás, aparecido em fins do ano passado, vem confirmar as qualidades que lhe assinalou a crítica, por ocasião de sua estréia, quando se reconheceu nela uma autêntica vocação lírica. De fato, a autora de «Fonte de Aroma» se distancia de suas numerosas e prolíficas irmãs em poesia por dotes de inspiração e pela capacidade técnica, pela elevação do pensamento e pelo toque de sinceridade que sentimos sempre nas páginas de seu livro. Aqui se contém uma série de sonetos trabalhados com apuro singular, dando-nos a medida de um artesanato que a situa entre nossos bons sonetistas e que, pela segurança de composição nos faz recordar, a seu respeito, os nomes de Gilka Machado e de Auta de Souza. Pena que uma revisão muito má tenha prejudicado alguns versos e que, por outro lado, Amélia Tomás tenha, aqui e ali, trabalhado menos uma ou outra estrofe, o que principalmente se repara, nela, tanto pelo fato de ser um artífice capaz, como pela circunstância de ater-se no geral à sobriedade parnasiana. Ela que é já um poeta feito e dos melhores que entre nós ainda se conservam fiéis às formas tradicionais do verso, deve se exigir maior rigor crítico, mais laborioso tratamento, para que lhe não aconteçam traições de vocabulário e de construção realmente infelizes. Por exemplo, não lhe podemos perdoar, por necessidade de rima, êsse antipático «eviterno». Nem, por outro lado, lhe desculpamos versos como êste:

«COMUNGANDO A VERDE HÓSTIA DA ESPERANÇA».

Há também neste livro tão comovido algumas páginas que nêle quebram a harmonia do conjunto. Entretanto, outras existem que marcam um estro invulgar e nos enternecem pela beleza da forma e pela substância. Mas, o que principalmente se destaca, além da série de belos sonetos a que nos referimos, é a dramatização da lenda do «Mão de Luva», apreciável recapitulação dêsse colonial da terra fluminense, tratado com emoção sincera e valendo assim o duplo aspecto, da poesia e da lenda.

«Fonte de Aroma» não é apenas mais um livro de versos: aqui encontramos um poeta cujo tradicionalismo técnico não prejudica sua vocação lírica e que, embora castigando seus versos pela métrica e pela rima, nos dá com abundância a medida de seu talento criador e de sua emoção.

FORA DO PRELO

● ELEGIA DO EXÍLIO — O poeta José Escobar Faria, já consagrado pela crítica por seus livros anteriores, edita agora esta emocionante «Elegia do exílio», onde os largos ritmos imprimem uma alta dignidade de forma, bem em harmonia com a substância do poema. Trata-se de um livro moderno, trabalhado com segurança técnica por um dos poetas mais dotados da nova geração.

● A RAPOSA E AS UVAS — No escasso repertório teatral brasileiro editado, aparece agora esta peça em três atos de Guilherme de Figueiredo, um de nossos novos autores mais prestigiados pelo público. Em separata da revista «Anhembi», o opúsculo nos revela, através da leitura, um teatrólogo tão delicioso como o que aplaudimos no palco.

● IREMOS LONGE DEMAIS — Antoni Di Monti é um jovem brasileiro do interior, embora o nome que marca a ascendência italiana possa dar idéia de um autor traduzido. Sentindo a vocação teatral, Antoni Di Monti muito cedo ingressou em nosso amadorismo. Chamado para a guerra, tendo deixado o teatro quando representava em uma peça de Shakespeare, Di Monti troca a cena pela máquina de escrever. Daí êste romance que vale menos pela fabulação, naturalmente incipiente, do que por ser uma crônica do tempo e do ambiente teatral, sobretudo do meio amadorista, que o autor conhece bem, tendo-lhe a vivência. O livro é interessante sob êsse aspecto e vale a pena ser lido.

● ARCHOTES DO SONHO E DO IDEAL — O título é rebarbativo, o opúsculo antipático. Mas o conteúdo é interessante: trata-se, como a chama o autor, Luís Fernando Whitaker Tavares da Cunha, de «sumaríssima antologia dos poetas da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo». Uma obra curiosa e útil sobretudo para os que não têm acompanhado o movimento dos novíssimos de São Paulo. Pequena amostra de valores, muitos apreciáveis, alguns de primeira ordem. Devemos agradecer a Luís Fernando, poeta êle próprio, esta seleção, tão simpática como inteligente.

● PROCURA — Maximus Bernardus é um poeta sensível à música. Eis o que primeiro e mais fàcilmente nos revela êste seu livro de versos. Sua poesia participa da música, encontra nela seus temas prediletos, pesquisa harmonias e efeitos rítmicos de inspiração musical. «Procura» é o livro de um lírico que comove pela acentuação sincera e pela discrição de suas mensagens.

MUNDO DAS LETRAS

MARQUES REBELO está muito animado com a direção do Rádio Clube. Vamos ver se o escritor resiste à guerra que o rádio tem feito sistemàticamente às letras, a pretexto de que o público quer é isso mesmo, essa terrível subliteratura a que não escapa nem mesmo o rádio oficial. O diretor do Rádio Clube parece ter orientado seu programa com aquêle plano radiofônico sintético do mestre Roquette Pinto: — «Demos ao povo, não o que o povo quer, mas o que o povo precisa»... E o povo continuou infelicitado pelos direitos-de-nascer nacionais e estrangeiros.

● O POETA Reinaldo Bairão passou o carnaval no Rio. Também estêve desenhando cenas e tipos do carnaval carioca o pintor Darci Penteado. Ambos já regressaram a São Paulo. Entre as novidades que nos deu êste carnaval, segundo o que nos revelou o poeta Reinaldo Bairão, está a de que o poeta Schmidt também foi ver «como era» um dos bailes famosos da temporada momesca.

● O POETA Thiago de Melo foi um dos grandes foliões dêste ano. Embora calouro, Thiago andou se esbaldando na temporada de carnaval e fêz até crônicas carnavalescas no «Globo», assinando «Menino Grande»... e isso foi o menos que fêz o poeta.

● AS FUTURAS edições da antologia dos poetas bissextos, por falar em «Menino Grande», têm que incluir mais um nome, o de Antônio Maria, revelado nas letras de canções que Nora Ney tem cantado. Êsse bissexto, revelado sub-reptìciamente pela música, já se denunciava nas crônicas: agora foi apanhado em plena poesia.

● MOLIÈRE não era autor teatral (Maurice Garçon). Joana D'Arc não foi queimada em Rouen, pelos inglêses (Jean Grimod): aí estão dois novos mistérios para discussão, aparecidos em duas obras recentes.

FRADIQUE

UM AUTOR:

HEINRICH VON KLEIST



OS leitores brasileiros que desconhecem a língua alemã estão conhecendo agora — cremos que é a primeira vez que se traduz o autor entre nós — um escritor alemão dos mais interessantes: Heinrich von Kleist, que as Edições Melhoramentos estão apresentando em duas obras, «A Vingança de Michael Kohlhaas» e «Noivado em São Domingos», duas obras incluídas na série «Novelas do Mundo», onde temos encontrado boas traduções e excelente trabalho gráfico, sendo os textos muito bem ilustrados, representando esta uma das melhores iniciativas da conceituada editôra. A história de Kleist, de que temos uma síntese nos referidos volumes, mostram nêle uma vocação literária que brota irresistìvelmente e contra a qual o destino se põe, implacável. Sua vida acidentada, na luta contra a miséria, vai truncando a sua criação. Êle, porém, luta contra outra infelicidade: nasceu no tempo de Schiller e Goethe, vivendo pois cercado da indiferença do público. Embora escrevendo novelas, poesia e teatro, sua obra passa despercebida, no tempo, tôda a atenção voltada para os dois lumiares das letras germânicas. Dir-se-ia que à pátria achava demais dois gênios, para admitir ainda um terceiro. Se seu teatro era recusado, seus livros e seus poemas difìcilmente se editavam e, se saíam dos prelos, pouco se vendiam. Kleist nos oferece um dos mais emocionantes exemplos de incompreensão, por parte dos contemporâneos, que se oferecem no mundo das letras. Mais dramático ainda porque êle terminou pelo suicídio sua longa desgraça. Ainda menos mal porque epilogou seus infortúnios em um pacto de morte com a amada, o que, de certa forma, foi uma consolação para o poeta romântico, pois nos diz que pelo menos alguém lhe trouxe o amor e a compreensão a ponto de querer morrer com êle. Citemos essa mulher, último e talvez único bem que Kleist teve no seu infortúnio: Henriette Vogel.

«A Vingança de Michael Kohlhaas» — conforme o título brasileiro da tradução de Otto Schneider — é uma obra prima no seu gênero. E, como os demais livros de Kleist, um livro dramático e triste, onde não existe para os heróis, qualquer possibilidade de salvação. Embora se trate de uma obra histórica, inspirada em uma crônica do tempo de Lutero, é uma obra composta por um ressentido, por um homem a que o destino cruel negou, como ao seu herói, tôda possibilidade de redenção. Kohlhaas é uma projeção de Kleist e nos mostra a perdição de um homem a que o destino adverso levou à desgraça irremissível. Escrito por um outro, a história de Kohlhaas não nos pareceria tão dilacerante. Saída de sua pena, ela nos punge com uma maior e mais profunda emoção.



A visão panorâmica do centro de S. Paulo é um documento inequívoco de sua grandeza material. No pequeno pátio do colégio foi lançada a semente.

QUEM FUNDOU

Pedro Calmon

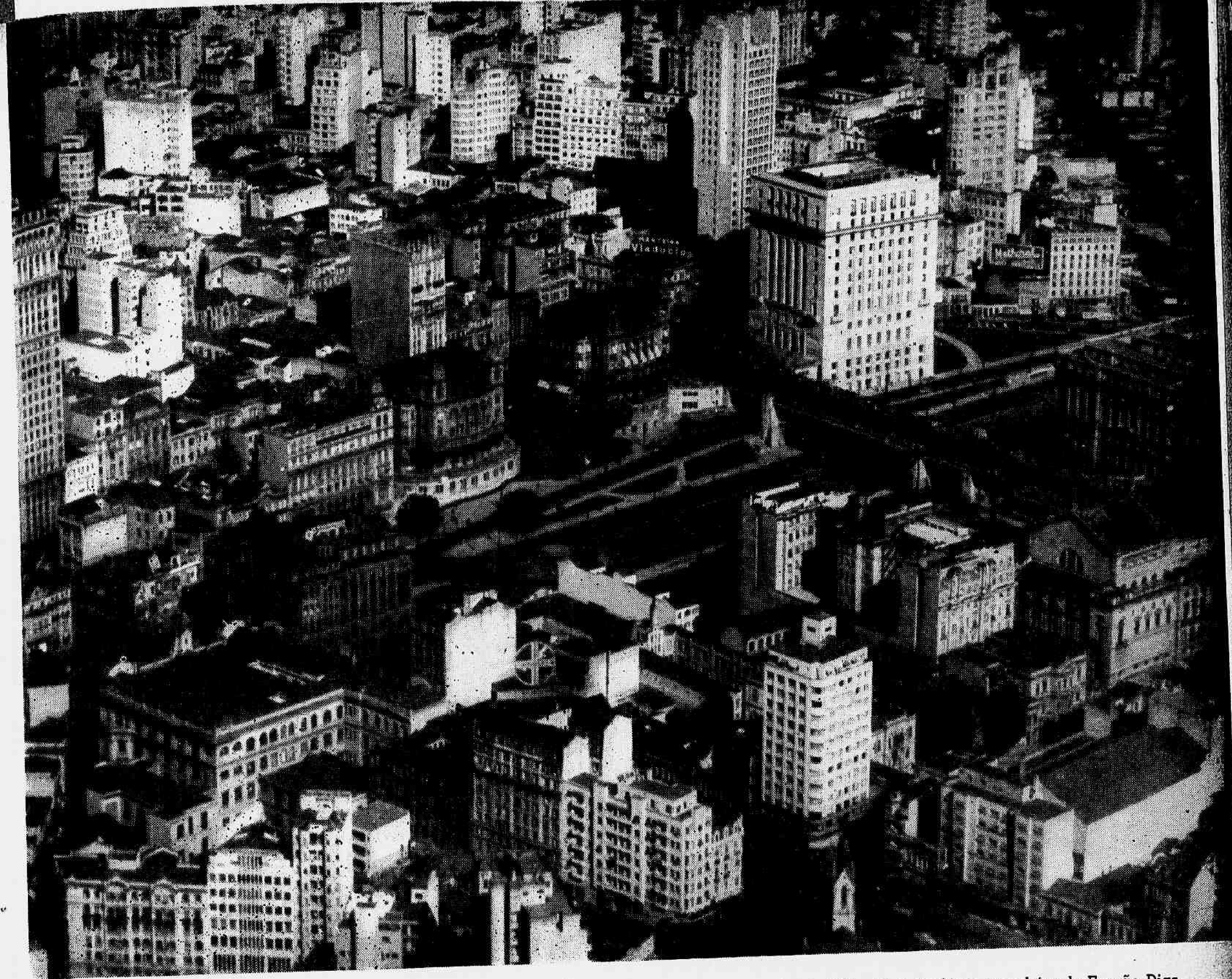


O Padre Manuel da Nóbrega fêz sua tarefa com a humildade própria dos jesuítas que construíram um mundo novo usando sòmente as puras fôrças vivas do Evangelho.

É um tênue problema histórico saber quem fundou São Paulo, Nóbrega ou Anchieta. Em verdade as dúvidas se dissiparam com a publicação dos documentos capitais sôbre êsse grande momento da formação brasileira. Não autorizam uma polêmica, que divida em opiniões, separando em partidos, os que se batem por Anchieta — o mais pacífico dos homens — e os que querem Nóbrega — serena e forte autoridade de construtor de vilas e colégios.

O que dizem as cartas jesuíticas (manancial puro de verdade e singeleza) combina — ao contrário — os dois nomes e os une na ação solidária, que os imortalizou. As decisões superiores, a ordem para que se instalasse perto do Tietê a aldeia, as instruções para que lá reunissem os filhos dos índios, o valente programa de trabalho, cumprido obedientemente pelos outros missionários, foram de Manuel da Nóbrega, responsável pela conquista religiosa da terra. Recém-chegado da Europa, Anchieta entrou com êles o sertão misterioso. Teve a honra de redigir a epístola que é a certidão de batismo do povoado, marcando a hora inicial da sua existência, o instante místico da consagração. Do moço apóstolo são estas palavras inaugurais: «Assim, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia, que se chama Piratininga, chegamos a 25 de Janeiro do ano ao Senhor 1554, e celebramos em paupérrima e estreitíssima casinha a primeira missa, no dia da Conversão do Apóstolo São Paulo e, por isso, a êle dedicamos a nossa casa».

Provou o padre Serafim Leite, divulgando uma carta inédita de Nóbrega, que um ano antes andara êle pelo planalto e juntara naqueles sítios os catecúmenos, para quem mandou em seguida erigir o Colégio. Incluindo nesta expedição, que em 25 de Janeiro rezou ali a primeira missa, revela Anchieta que só então, e porque era de São Paulo a festa do dia, se deu à aldeia o seu nome. Respeitava-se o costume, de apelidar os lugares ao sabor do calendário cristão. Nem podia ser mais grata à Igreja militante a evocação, que lhe falava do doutor entre os gentios, da catequese dos pagãos e do heróico ensinamento — pelos itinerários do universo. O jovem canarino inspirou-se largamente nessa idéia e nessa de-



Sob o moderno Viaduto do Chá corre ainda o humilde subterrâneo Anhangabaú, que foi testemunha de Nóbrega e Anchieta e também de Fernão Dias.

SÃO PAULO?

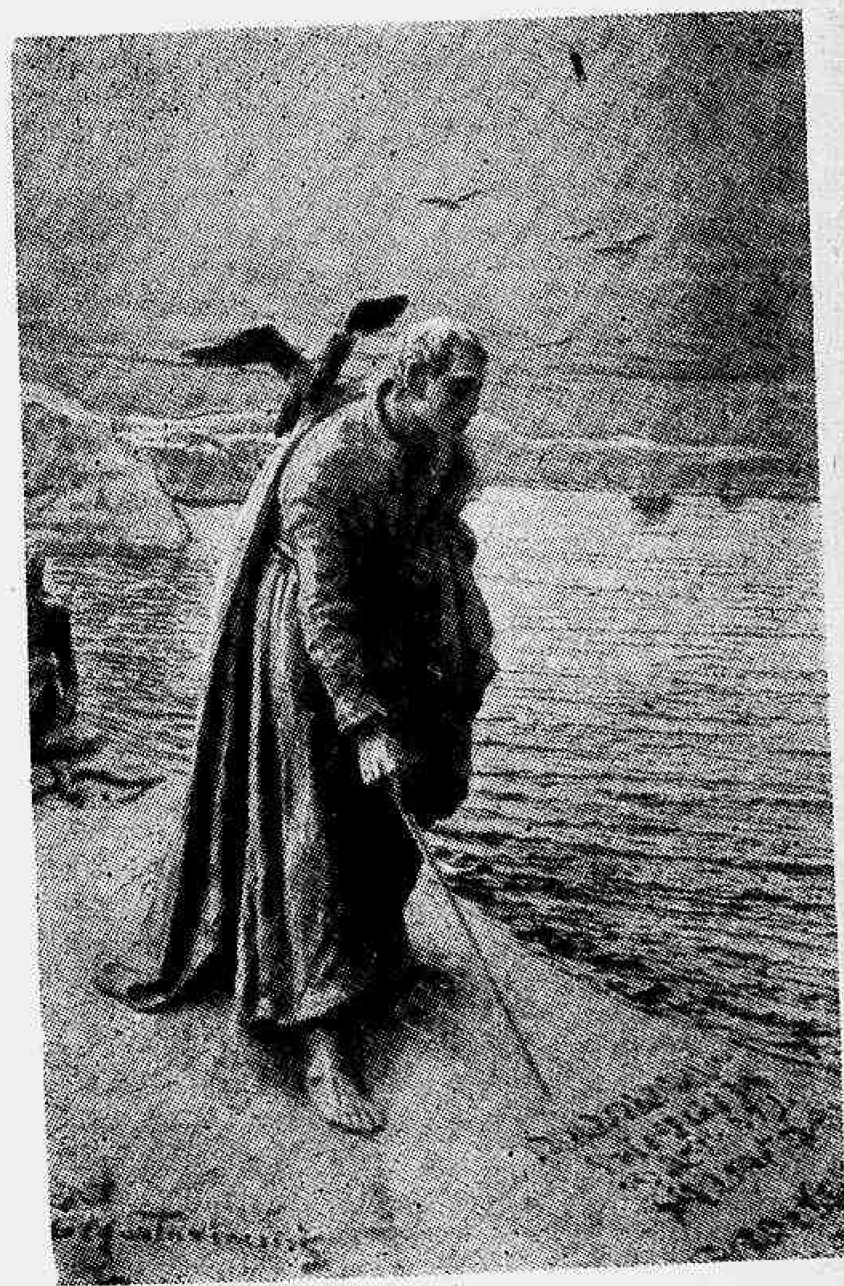
(da Academia Brasileira)

voção. E no mesmo papel em que lhe anunciava as promessas, dizia com piedosa humildade: «Moramos aqui presentemente oito Irmãos aplicados na doutrina destas almas e pedindo a infinita misericórdia divina, para que finalmente nos conceda por algum tempo acesso para combater outras muitas gerações com a palavra de Deus, às quais todos cremos que, se lhes pregamos, se converterão à fé».

Isto pôsto, é necessário completar. Em nada desmerece a glória de Anchieta a do seu mestre e chefe, que é, na realidade, o fundador de São Paulo. Assistiu-lhe à primeira missa; redigiu a primeira página de sua história oficial, esta em que a menciona, fixando-lhe a data, quando Piratininga passou a chamar-se São Paulo; ligou-se com um amor exuberante a êsses campos, onde desejaria ficar, civilizando os bárbaros; e achou os caminhos da beatitude entre as serras e as selvas dêste mundo novo. **Santo do Brasil** lhe chamamos, e com sobeja razão. Os prodígios da sua vida que, na sisuda crônica dos contemporâneos, foi um vergel de virtudes e milagres, compõem poèticamente uma das mais belas tradições do hagiológio. E mereceram a seu tempo a consideração grave da cúria romana. Não teve outro intuito o padre Simão de Vasconcelos ao fazer-lhe a biografia em que a história prosaica se embaraça à apologia ingênua ou entusiasta, a fim de que aparecesse com o conveniente fulgor aos tribunais canônicos o pobre, o acanhado, o simples e doce José de Anchieta — tão desprendido das humanas vaidades que rasgava os pés pelas peregrinações sem fim e tinha de seu apenas uma cruz e um breviário. Incomparável figura de semeador de cidades, de criador de impérios, êsse patriarca da cultura nacional é pelo consenso do país o santo à espera do altar.

Prosseguirá neste ano o velho processo de sua canonização?

Far-se-á na oportunidade do 4º centenário de São Paulo a sua solene elevação aos nichos dos templos, como um orago amável da infância brasileira?



Como fraterno companheiro de jornada lá por mil quinhentos e cinqüenta e quatro teve o Santo do Brasil, José de Anchieta, o pacificador dos índios, o evangelizador dos silvícolas

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL



O NOVO

PERRY

DUAS ESTRELAS

O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

TRÊS DIAS DE VENTO...

(Cont. da pág. 11)

— Quanto de água?

— Outro tanto.

Sentou-se no chão ao lado da cadeira de Nick.

— E' bom quando chega o tempo das tempestades de outono, não é?

— E' formidável.

— E' a melhor época do ano.

— E' bom quando a gente não está na cidade.

— Eu gostaria de tornar a ver World Series.

— Ah! Agora sempre estão em Nova York ou Filadélfia. Aquilo não nos serve.

— Eu só queria saber se o Cards algum dia levantará o campeonato.

— Durante a nossa geração, não.

— Chi... Êles ficariam bêstas.

— Lembras-te de quando êles iam ganhando aquêle, antes do desastre de trem?

— Ah! — disse Nick, recordando-se.

Bill apanhou o livro que deixara em cima da mesa, quando se dirigiu para a porta. Segurava o copo, com uma das mãos e o livro com a outra, recostado na cadeira de Nick.

— Que estás lendo?

— «Richard Feverel».

— Não achei graça.

— Pois é — disse Bill. — Mas o livro não é mau, Wemedge.

— Que mais tens que eu não tenha lido? — perguntou Nick.

— Lêste «Forests Lovers»?

— Li. E' aquêle em que êles vão para a cama, tôdas as noites, com a espada desembainhada entre êles.

— E' um bom livro, Wemedge.

— E' um livro batuta. O que eu nunca pude compreender foi para que era a espada. Ela tinha de ser conservada com o fio para cima, porque, se ficasse deitada de lado, êles podiam rolar por cima dela sem dano algum.

— E' um símbolo — disse Bill.

— Claro, mas não é prático.

— Já lêste «Fortitude»?

— Formidável! E' um livro verdadeiro. Pelo menos onde o velho anda à procura do rapaz. Compraste mais algum de Walpole?

— «The Dark Forest». E' sôbre a Rússia.

— Que acha êle da Rússia? — perguntou Nick.

— Sei lá! A gente não pode falar sôbre essas cousas. Talvez tenha estado lá quando rapaz. E' puro romance.

— Gostaria de conhecê-lo.

— E eu gostaria de conhecer Chesterton.

— Quereria que êle estivesse aqui agora. Iamos fazer uma bruta pescaria.

— Eu queria saber se êle gosta de pescar.

— Claro que gosta. Agora êle deve estar em companhia do melhor companheiro que há... Lembras-te de «Flying Inn»?

«Se um anjo, descendo do céu,
Oferecer a você alguma outra bebida,
Agradeça-lhe as suas boas intenções,
e jogue-a na pia.»

— E' isso — disse Nick. — Acho que êle é melhor camarada do que Walpole.

— Oh, é melhor, está claro.

— Mas Walpole é melhor escritor.

— Não sei. Chesterton é clássico — insistiu Bill.

— Walpole também é clássico — insistiu Bill.

— Eu queria que ambos estivessem aqui — falou Nick.

— Levaríamos os dois para pescar.

— Vamos tomar um pifão?

— Muito bem — concordou Nick.

— O velho não se importará.

— Tens certeza?

— Tenho.

— Eu já estou um pouco tonto.

— Não estás bêbedo?

Levantou-se do chão e apanhou a garrafa de uísque. Nick apresentou o copo. Seus olhos estavam fitos nêle, enquanto Bill servia o uísque.

Bill encheu o copo até o meio.

— Bota água no teu. Dá só para mais uma vez.

— Não tem mais aí? — perguntou Nick.

— Tem muito ainda, mas o papai só quer que eu tome do que está aberto.

— Ah!

— Êle diz que a gente fica abrindo garrafas — explicou Bill.

— E' verdade — concordou Nick.

Impressiona-se. Nunca pensara nisso até então. Sempre tinha pensado que era bebendo solitàriamente que a gente fica bêbedo.

— Como vai o teu pai? — perguntou respeitosamente.

— Vai bem. Às vêzes fica um pouco brabo.

— Êle é camarada.

Derramou água da quartinha no seu copo. A água misturou-se lentamente com uísque. Havia mais uísque do que água.

— Não tanto como parece — disse Bill.

— Não posso me queixar do meu velho.

— E com razão.

— Êle afirma que nunca tomou um trago em tôda a sua vida como se anunciasse um fato científico.

— Bem, é um doutor. O meu velho, é pintor. Isto é diferente.

— Êle perdeu uma fortuna — continuou Nick tristemente.

— Não deves te queixar. Tôdas as cousas têm compensações.

— Êle diz que êle mesmo botou fora uma fortuna — explicou Nick.

— Papai também viveu um período duro.

— E' sempre assim.

Estavam olhando para o fogo e pensando nessa verdade profunda.

— Vou buscar lenha lá dentro.

Enquanto olhava para o fogo, notara que êle estava se extinguindo. Queria também mostrar que podia beber e ser prático. Mesmo que seu pai nunca tivesse tomado um trago, Bill não havia de embebedá-lo antes que êle próprio estivesse bêbedo.

— Traga um daqueles troncos grandes de faia — pediu Bill.

Êle também estava sendo conscientemente prático.

Nick entrou na cozinha com o tôro, e, ao passar, derrubou uma panela de cima da mesa. Soltou o tôro no chão e levantou a panela. Estava com damascos secos que amoleciam na água. Apanhou cuidadosamente todos os damascos, alguns dos quais tinham rolado para baixo do fogão e tornou a pô-los na panela. Tirou água do balde colocado perto da mesa e cobriu com ela os damascos. Quase sentiu orgulho de si mesmo. Tinha sido perfeitamente prático.

Apareceu em seguida com o tôro e Bill levantou-se da cadeira e ajudou-o a pô-lo no fogo.

— Um bonito pedaço de lenha! — exclamou Nick.

— Eu o tinha guardado para os dias de mau tempo. Um pedaço de lenha

(Cont. na pág. 40)

ARABELLE a última sereia!



— Dez milhões pelo número de uma sereia? — Admira-se o dono do circo. Mas Flor-Azul lhe falara com tanta firmeza que, por fim, fecharam negócio.



«Flor-Azul», radiante de alegria, corre para onde está Arabelle. Mas, antes, procura um estabelecimento e compra um enorme charuto, e corre...



Chegando à praia, lá encontra a desolada Arabelle a dormir sôbre o banco em que perdera sua bôlsa. «Flor-Azul» a contempla embevecido.



Delicadamente êle a desperta e lhe narra o sucesso: ela vai trabalhar no «Circo-Atômico», que fará uma **tournée** ao México. Uma maravilha.



Arabelle vai até o circo, levada pelo seu «empresário», e ali conquista, com grande facilidade, as simpatias do proprietário da emprêsa.



Como não havia ainda um camarim especial para Arabelle, permitiram-lhe ficar no de Conchita, uma linda artista loura e muito festejada.



Quanto a «Flor-Azul», teria êle que partilhar das instalações do diretor do circo; mas o amigo da linda Arabelle passa a noite com o maestro.



Mas Arabelle não encontra na sua companheira de camarim a mesma simpatia. Conchita, um tanto enciumada, não a recebe cordialmente.



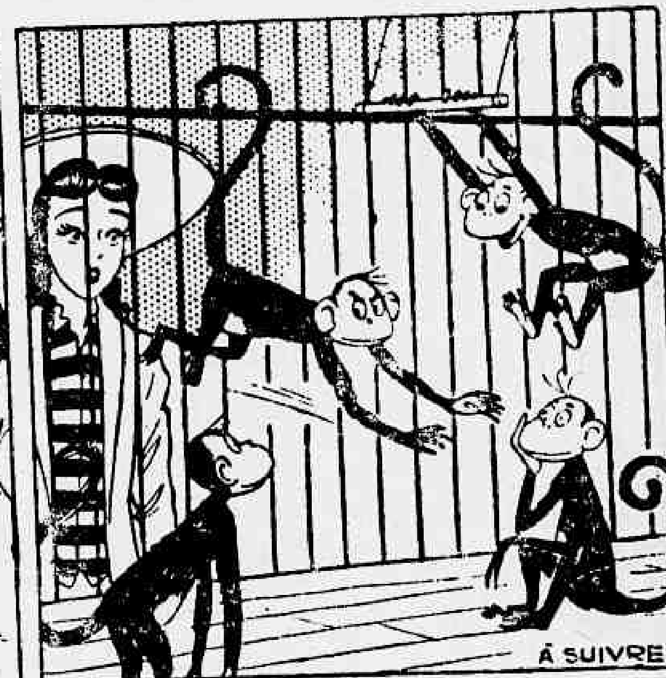
Depois de uma viagem de dez dias, durante os quais Arabelle verificou que sua companheira não a tolerava, chega o circo, finalmente, ao México.



Arabelle se sente muito feliz e alegre por percorrer o mundo Enquanto armam o circo, ela vai em companhia de «Flor-Azul» visitar a cidade



Regressando do passeio ela já encontra o circo todo montado e com os seus animais nas jaulas. Arabelle começa a percorrer uma a uma.



Interessadíssima, ela chega à jaula dos macacos. Nota que todos os animais a recebem como se fôsse a uma rainha. Há um muito engraçado.



O diretor se aproxima de Arabelle e lhe diz que estava desejoso de desfazer-se daquele macaquinho, por ser muito levado, um «espêto», afinal.



Arabelle, então, pede que lhe ceda o animalzinho. Ela tomará conta dêle, fazendo do mesmo sua «mascote». É atendida, imediatamente.



Arabelle leva o macaquinho para seu camarim e ali apresenta sua nova «amizade» a «Flor-Azul». O rapaz adverte que ela tem de cuidar do papel.



«Flor-Azul» não ficou muito satisfeito com essa companhia, mas o animal fêz tantas, que o ex-«gangster» terminou por achar-lhe muita graça.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 44

A	Homem afeiçoado a outra pessoa (pl.)	1	46	65	91	145	124	■	■
B	Tranqüilidade; calma; quietação	114	39	94	140	53	2	129	■
C	Dirigem; mandam; dominam	156	42	57	13	103	67	132	163
D	Confronta; defronta; faz frente	29	108	141	88	97	131	17	■
E	Praticar o noviciado	4	93	14	72	50	126	62	23
F	Deporte; exile; afaste	153	139	98	20	68	80	158	6
G	Rogam; suplicam; requerem	135	149	128	10	74	28	66	106
H	O mesmo que nunes	19	157	115	35	70	■	■	■
I	Ignominia; abjeção extrema	82	47	130	171	37	151	75	116
J	Ôvo de piolho de cabeça	40	167	26	159	138	85	■	■
K	Ato ou efeito de empatar	102	144	150	77	5	45	■	■
L	Que nunca se ouviu dizer	90	133	79	87	16	8	27	113
M	Cobres com telhas	61	107	89	41	71	146	■	■
N	Iguaria de massa com recheio	48	12	58	92	137	142	■	■
O	Burros	105	117	83	96	147	■	■	■
P	Som produzido na laringe (pl.)	7	160	32	148	100	■	■	■
Q	Essa coisa	56	34	104	123	■	■	■	■
R	Ôsso do braço	30	76	51	60	110	■	■	■
S	Lôto; quino	9	22	118	101	162	38	55	■
T	Misture; converta em massa	112	170	155	120	69	33	■	■
U	Gatos, especialmente novos	52	15	64	78	136	95	119	168
V	Usemos os remos	31	3	81	152	127	164	172	■
W	Exaltar; tornar-se quente	121	86	166	25	134	154	54	■
X	Natural do Norte	73	169	49	122	18	43	109	36
Y	Lodaçais; atoleiros	161	21	63	99	44	■	■	■
Z	Depósitos de água para criar peixes	24	165	11	125	143	84	59	111

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

A 1	■	B 2	V 3	E 4	K 5	F 6	■	P 7	L 8	S 9	G 10	■	Z 11
N 12	C 13	■	E 14	U 15	L 16	D 17	■	X 18	H 19	F 20	Y 21	S 22	E 23
Z 24	■	W 25	J 26	L 27	G 28	D 29	■	R 30	V 31	P 32	T 33	Q 34	■
H 35	■	X 36	I 37	S 38	B 39	J 40	M 41	C 42	X 43	■	Y 44	K 45	A 46
■	I 47	N 48	X 49	E 50	R 51	U 52	B 53	W 54	■	S 55	■	Q 56	C 57
N 58	Z 59	R 60	M 61	E 62	Y 63	U 64	A 65	G 66	■	C 67	F 68	T 69	H 70
M 71	■	E 72	X 73	G 74	I 75	R 76	K 77	■	U 78	L 79	F 80	V 81	I 82
O 83	Z 84	J 85	■	W 86	L 87	D 88	■	M 89	L 90	A 91	N 92	■	E 93
B 94	■	U 95	O 96	D 97	F 98	Y 99	P 100	■	S 101	K 102	C 103	Q 104	O 105
G 106	M 107	D 108	X 109	R 110	Z 111	■	T 112	L 113	B 114	■	H 115	I 116	O 117
S 118	U 119	T 120	■	W 121	X 122	Q 123	A 124	■	Z 125	■	E 126	Y 127	G 128
B 129	I 130	D 131	C 132	L 133	W 134	G 135	U 136	■	N 137	J 138	■	F 139	B 140
D 141	N 142	Z 143	K 144	A 145	M 146	■	O 147	P 148	G 149	K 150	I 151	Y 152	■
F 153	W 154	■	T 155	C 156	H 157	F 158	J 159	P 160	■	Y 161	S 162	C 163	■
V 164	■	Z 165	W 166	J 167	■	U 168	X 169	T 170	I 171	V 172	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 43 — JACOBINA S. MOURA. RECORDAÇÕES. "Não tinha desejos nem aspirações; conformava-me com o quase nada que possuía, porque desde muito cedo acostumei-me a contemplar ao redor de mim outras pobrezas, senão maiores, pelo menos tão grandes quanto a minha".

TRÊS DIAS DE VENTO...

(Cont. da pág. 38)

como êste queimará durante tôda a noite.

— Para acender o fogo de manhã há carvão.

— Claro — concordou Bill.

Estavam mantendo a conversa num plano elevado.

— Vamos tomar mais um copo — convidou Nick.

— Acho que há mais uma garrafa no armário — disse Bill. Ajoelhou-se diante do armário, a um canto, e tirou uma garrafa de rótulo quebrado.

— Escocês...

— Vou buscar mais um pouco de água.

Voltou à cozinha. Utilizando-se de uma colher grande, encheu a quartinha com a fresca água de fonte que se encontrava no balde. Ao voltar para a sala-de-estar, passou diante de um espelho colocado na sala-de-jantar e mirou-se. Sua fisionomia pareceu-lhe estranha. Sorriu para a cara que aparecia no espelho e ela correspondeu-lhe com um arreganho de dentes. Êle piscou e continuou o caminho. Não era a sua face, mas isso não tinha importância.

Bill tinha servido a bebida.

— Agora é uma rodada de pêso.

— Não para nós, Wemedge.

— Vamos beber à saúde de que? — perguntou Nick, levantando o copo.

— A saúde da pesca — gritou Bill.

— Muito bem, cavalheiros, um brinde à pesca...

— Vamos então — disse Bill — à saúde da pesca!

— Saúde!

— E' melhor do que baseball.

— Não há comparação. Como é que chegamos a falar de baseball?

— Foi um engano. O baseball é um jôgo para cretinos.

Beberam tudo que havia nos copos.

— Agora vamos beber a saúde de Chesterton.

— E de Walpole — acrescentou Nick.

Nick serviu o uísque. Bill serviu a água. Entreolharam-se.

— Cavalheiros — exclamou Bill. — Apresento-lhes Chesterton e Walpole.

— Justamente, cavalheiros — acrescentou Nick.

Beberam. Bill encheu os copos. Sentaram-se nas grandes cadeiras de braços diante do fogo.

— Tu és muito prudente, Wemedge.

— Que queres dizer? — perguntou Nick.

— Caíste fora de tempo naquele caso com Marge.

— Ah, sim — concordou Wemedge.

— Era a única coisa a fazer. Se não tivesses caído fora, atualmente estarias em casa a trabalhar, procurando juntar dinheiro para casar.

Nick nada disse.

— A gente os reconhece logo. Ficam com um jeito pesadão, criam barriga. Estão liquidados.

— E' mesmo — concordou Nick.

— Talvez tenha sido inútil dares o fora nela. A gente sempre acaba se apaixonando e então vai tudo raso. Namora, mas não permitas que elas estraguem tua vida.

— E' — resmungou Nick.

— Se tivesses casado com ela, terias casado com tôda a família. Lembras-te da mãe dela e daquele sujeito com quem ela casou? Aquêle gordo, sabe?

Nick sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Imagina-os metendo-se o dia inteiro dentro de tua casa e tu indo jantar aos domingos na casa dêles, e êles jantando nos outros dias na tua casa, dizendo a Marge, a cada momento, o que ela deve fazer e como deve proceder.

Nick permanecia em silêncio.

— Tu te livraste disso a tempo. Agora ela pode casar com alguém da sua espécie, criar juízo e ser feliz. A gente não pode misturar azeite com água. Seria como se eu casasse com Ida, aquela que trabalha no Strattons. Ela provàvelmente acabou achando que tinhas razão.

Nick nada disse. Tôda a bebida parecia ter-se evaporado, deixando-o só. Bill não estava ali. Êle não estava sentado diante do fogo, nem ia pescar amanhã com Bill e seu pai, ou fazer outra qualquer coisa. Não estava bêbedo. Tudo passara! Era possível que não a visse nunca mais. Sim, provàvelmente, nunca mais a veria. Estava tudo acabado, extinto.

— Vamos tomar mais um copo? — lembrou Nick.

Bill serviu a bebida. Nick pingou água.

— Se tu tivesses prosseguido por aquêle caminho, não estaríamos aqui agora.

Era verdade. O seu plano primitivo tinha sido voltar para casa e arranjar um emprêgo. Depois planejara ficar em Charlevoix durante todo o inverno, para estar perto de Marge. Agora não sabia o que ia fazer.

— Provàvelmente, não iríamos nem mesmo pescar amanhã. Agiste com muita prudência.

— Não podia deixar de agir assim.

— Eu sei. As coisas parecem que se encaminham por si.

— A coisa se passou tão ràpidamente... — disse Nick. — Não sei como foi. Não pude evitá-lo. Foi como quando vem o vento de três dias e arranca tôdas as fôlhas das árvores.

— Bem, acabou-se. Isso é que importa...

— A culpa foi minha.

— Isso não tem importância.

— Não, acho que não tem.

O grande fato era que Marjorie se fôra e que êle provàvelmente nunca mais a veria. Tinham-lhe falado do seu projeto de irem à Itália e de como se divertiriam. Dos lugares que visitariam juntos. Agora tudo estava acabado. Alguma coisa morrera nêle.

— O que importa é que isso tudo esteja bem longe — falou o amigo. — Olha, Wemedge, eu andava aborrecido com o jeito que a coisa estava tomando. Mas reagiste, afinal. Sei que a mãe dela está danada como o diabo. Disse uma porção de coisas da pequena com quem estavas comprometido.

— Nós não estávamos comprometidos.

— Tôda a gente dizia que tu estavas.

— Não posso tapar as bôcas... Mas nós não estávamos.

— Vocês não íam casar? — perguntou Bill.

— Íamos. Mas não estávamos comprometidos.

— E qual é a diferença? — perguntou Bill, crìticamente.

— Não sei. E' diferente.

— Não acho.

— Bem — disse Nick. — Vamos embriagar-nos, de verdade.

— Vamos ficar bem bêbedos e depois vamos nadar...

Empinou o seu corpo.

— Fico aborrecido por causa dela, mas que é que eu podia fazer? Tu sabes o que era a mãe dela!

— Era terrível.

— De repente tudo se complicou. Eu não devia falar nisso.

— Não devias — disse Bill. — Falei nisso e agora lamento tê-lo feito. Nunca

mais conversaremos sôbre isso. Não precisas pensar nisso. Podias arrepender-te e voltar.

Nick não tinha pensado nisto. Tudo parecia-lhe tão definitivo. Esta idéia, agora... Fazia-o sentir-se melhor.

— Claro. Sempre haverá êsse perigo.

Agora sentia-se contente. Não havia nada que fôsse irrevogável. Podia ir para a cidade no sábado à noite. Hoje era quinta-feira.

— Sempre há uma chance.

— Tens de cuidar-te.

— Hei de me cuidar.

Sentia-se contente. Nada estava acabado. Nada estava perdido para sempre. Ia para a cidade no sábado. Sentia-se mais leve, como se sentia antes que Bill tivesse começado a falar sôbre o caso. Agora havia uma saída.

— Agarremos as espingardas e vamos até a ponta procurar teu pai.

— Vamos.

Bill tirou duas armas do lanceiro. Abriu uma caixa de munição. Nick vestiu o impermeável e calçou os sapatos. Êstes estavam endurecidos de tanto secar. Êle ainda estava bêbedo, mas tinha as idéias claras.

— Como te sentes? — perguntou Nick.

— Muito bem. Estou firme como um tronco. — Bill estava abotoando o seu suéter.

— Não adianta ficar bêbedo.

— Não. Precisamos sair.

Abriram a porta. Veio uma lufada. Saíram.

— Os pássaros vão esconder-se nas ervas por causa disto — comentou Nick.

Dirigiram-se a grandes passos para o pomar.

— Vi uma galinha-do-mato hoje de manhã.

— Talvez a levantemos agora.

— Não se pode atirar com êste vento.

Lá fora, o assunto Marge já não era tão trágico. Não era mesmo nem tão importante. A ventania arejava tôdas as coisas.

— Está soprando do lado da lagoa grande.

Ouviram contra o vento o estampido de um tiro de espingarda.

— E' o papai — disse Bill. — Está lá em baixo no banhado.

— Vamos atalhar por aqui.

— Vamos atravessar o campo para ver se levantamos alguma coisa.

— Vamos.

Nada destas coisas tinha importância.

O vento varrera-as da sua cabeça. Êle sempre podia ir para a cidade no sábado à noite. Era uma boa coisa a gente encontrar uma saída.

ROMPIMENTO

(Cont. da pág. 14)

— Mas... penso que não me chamo Ber-nar-do — retrucou, irônico, destacando de propósito as sílabas.

— Bernardo? Mas... que significa isso, Daniel?

— E' o que desejo saber, Leonor, e espero que me explicarás tudo.

— Mas, querido, eu não escrevi nenhuma carta a Bernardo. Por que haveria eu de escrever-lhe? Tinha graça! Se...

— Reconheceste a carta como tua, não? Antes mesmo de veres a assinatura!...

— A letra é minha, não nego, mas...

— Então? Se reconheces que escreveste a carta, e se esta é dirigida a Bernardo, como podes, ao mesmo tempo, afirmar e negar?

Leonor quis pegar a carta, mas o marido impediu-lhe o gesto. Leu-a, todavia, para a mulher.

— Então? — inquiriu, acabada a leitura. Que dizes a isso?

Leonor não respondeu logo. Não podia. O pasmo emudecera-a. Não sabia como explicar aquilo. Devia ser um engano. Sim, um terrível engano. De súbito, porém...

— Ah! Agora compreendo, meu amor. E é tudo tão simples... tão simples.. Escrevi esta carta quando ainda noiva de Bernardo. E não ignoras isso, pois contei-te tudo, lembras-te? — E fêz com os lábios um trejeito de amuo.

Daniel daria tudo para que aquilo fôsse verdade. Mas a flagrante atualidade da data era um desmentido formal. Foi, pois, com acento colérico na voz que respondeu:

— Lembro-me sim, mas isso foi há quatro anos já, e... repara nesta data! E levou o papel aos olhos da espôsa.

— Não, não é possível! — gritou Leonor, fora de si. — Esta data é falsa, juro, Daniel! Pelo nosso amor, pelo nosso filho... acredita-me!

— Não jures falso, Leonor. E, principalmente, não invoques o testemunho de um entezinho que nem sequer abriu os olhos à vida. Não, não podes negar tamanha evidência!

A moça não pôde mais articular qualquer palavra, alheada que estava de tudo. Não dizia nem pensava nada.

Daniel, tomando-lhe o silêncio como confissão tácita de culpa, prosseguiu, a voz já agora plácida:

— Meu advogado virá procurar-te, para discutir as bases do nosso desquite. Adeus!

— Desquite? Disseste desquite? — gritou a mulher, voltando de repente de seu torpor. E, num gesto de desespêro, tentou deter o marido, agarrando-lhe as mãos.

Daniel confirmou. Desquite, sim, é o que dissera. Que poderia ela esperar? Depois do que acontecera, era a solução que se impunha. Para bem dos dois. Dos três. Em outras circunstâncias, tê-la-ia talvez matado. Que agradecesse a vida ao filho que trazia no ventre. Desquite, sim. Para bem dos três.

Saiu precipitado, deixando a mulher entregue à sua dor, ao seu pranto. Ao transpor o portão, ainda ouviu-lhe os soluços. O coração apertou-se-lhe, não sabia se de dor, de compaixão ou... de saudade. Respirou fundo. O ar fresco, quase frio, da tarde que descia, fêz-lhe bem. Lembrou-se de que não trouxera nada do que lhe pertencia: suas roupas, seus livros. Ora, mandaria apanhar tudo, mais tarde. Apalpou o bôlso do casaco, sentindo estalejar a carta, a maldita carta. Intrigava-o agora o modo por que lhe fôra parar às mãos aquêle papel. Uma coisa apenas era certa: aparecera entre sua correspondência. Fôra-lhe enviada, portanto, pelo correio. Com o assombro que dêle então se apoderara, esquecera-se de examinar a letra do sobrescrito. Quem a teria mandado? O próprio Bernardo? Talvez. Mas... com que propósito? Patife!

Daniel decidiu procurar no mesmo dia um advogado. Lembrou-lhe seu amigo Otávio, antigo condiscípulo. Hábil advogado, o Otávio. Tão jovem ainda, e já com o nome aureolado. Iria longe, se iria.

(Cont. no próximo número)

A REVISTA há 50 anos

(8-3-903)

CHRONICA



— Quer o Prefeito acabar com os mendigos! Que irei eu fazer agora? Ah!... vou emprestar dinheiro a juros.

A moderna geração literaria brasileira tem produzido muito pouco, tão pouco que os velhos continuam a ser novos e alguns, que já dobraram a casa dos cincoenta, guardam ainda no noticiario da nossa imprensa os adjetivos primaveris com que a critica saudou as suas estréas auspiciosas. A Republica não nos deu até agora um nome que, transpondo os cenaculos da amisade ou da cultura literaria, se tenha imposto ao publico: os mesmos romancistas, os mesmos comediographos, os mesmissimos chronistas e folhetinistas. Só a critica theatral melhorou um pouco, começando a ser tomada a serio por todos os jornaes. O espectaculo deste sahara esthetico é desolador e mais de um observador conclue pela impotencia mental da geração contemporanea, accusando-a de atrophia precoce e de debilidade organica.

Tambem assim pensava emquanto não tratei de estudar mais de perto as causas deste phenomeno singular e o resultado foi modificar profundamente logares communs superficialissimos, que de animo leve elevara á cathegoria de idéas geraes.

Não faltam na geração nova elementos de valor, mais numerosos e mais educados que muitos nomes já feitos na republica das letras; faltam, porém, abnegação e fé. A geração nova está profundamente mercantilisada. Se invectiva e apostropha o burguez, faz mal porque em materia de egoismo leva-lhe a palma e em questões de solidariedade social o burguez poderia ainda servir-lhe de exemplo. Antigamente, o homem de letras no Brasil ligava ao exercicio de sua profissão um valor moral, um valor estimatico que o compensava da modestia de seus recursos pecuniarios. Não aspirava á fortuna nem ás gorlas remunerações porque bem sabia que a relatividade do meio, a limitada expansão da lingua, a rachitica organisação do ensino popular não consentiam a livreiros e emprezarios a pingue e equitativa partilha de lucros da publicidade e do theatro europeo. O autor da obra de arte encontrava em si proprio, nos elementos lyricos da producção, esse contentamento intimo que nenhum outro contentamento eguala, basta para regenerar e refazer as forças creadoras. Hoje, não: o homem de letras pretende, de afogadilho, conquistar o mercado do café; não é possivel.

No emtanto, não faltam, como disse, os rapazes de valor, com idéas, imaginação creadora, forma elegante, vibratil, nervosa, um pensamento scintillante e ductil como uma lamina dos Coleman, de Augsburgo; mas um desolador **à quoi bon?** responde sempre as suggestões dos amigos e camaradas que os instigam á producção. E o tempo passa, chegam os cabellos brancos e o escriptor, lançando um olhar retrospectivo sobre o passado, deplora o infinito talento consumido, em pura perda, no cavaqueira amena.

JACQUES BONHOMME

● *O juiz ao accusado:*
— Não se envergonha de vir aqui pela quinta vez?
— E o senhor que não vem cá todos os dias?

● *Num exame de arithmetica:*
— Qual é a regra de companhia?
— "Dize-me com quem andas e dir-te-ei as manhas que tens."

● *Annuncio:*
Na porta de uma drogaria se lê:
"A quem provar que o meu cacáo é nocivo á saude darei tres pacotes de graça".

A SAÚDE DO BEBÊ

PROCESSOS SUPLETIVOS DA AMAMENTAÇÃO AO SEIO

DR. SABÓIA RIBEIRO

UMA dúvida muito freqüente entre as mães que estão amamentando, e que as leva, às vêzes, até ao próprio estado de angústia, é de saber se a criança está mamando o suficiente ou não para as suas necessidades. Nunca se deve ensaiar o «alactamento misto» na criança de tenra idade sem a orientação do pediatra. Se a criança está sendo criada ao seio e parece não desenvolver-se bem, cumpre observá-la primeiro, cuidadosamente, antes de concluir que o leite é pouco ou fraco, e suspender as mamaduras. O primeiro cuidado a estabelecer é que a criança sòmente mame no horário certo. Quando assim acontece, como já temos ensinado, o seio se esvazia bem e nova porção se forma nos intervalos. A criança, por sua vez, mama com mais fôrça, suga melhor, o que estimula o esvaziamento da mama. O uso dos dois seios na mesma mamadura é desaconselhável, uma vez que, nessas condições, ambos se esvaziam mal, dando em resultado que a secreção vai, com o tempo, diminuindo.

● Constatado que a causa da parada do pêso é a escassez do leite materno, como proceder?

Dois métodos são usados.

O primeiro consiste em dar as mamaduras, seguidas de uma ração **complementar** na mamadeira.

O seio, seguido de uma ração complementar, constitui o método da **completagem**. O seio revezando com as mamadeiras, o da **alternância**. Empregado o método da completagem, há necessidade de um cuidado: e é que a mamadeira seja dada **depois** do seio, e não **antes**, isto porque, sem êsse cuidado, a criança toma do seio já farta, ou mesmo refuga o seio, uma vez que o esfôrço de sugar no seio leva-a a preferir a mamadeira onde o leite flui mais fácil.

No método da alternância pode-se proceder assim, por exemplo: (criança de 4 meses): 7, 13, 19 — seio 15 a 20 minutos; 10, 16, 22 mamadeira de 150 gramas.

No método da completagem. 7, 10, 13, 16, 19, 22 seio, seguido de uma mamadeira de 50 gramas de uma ração complementar.

No método da alternância pode-se verificar que um determinado seio (esquerdo ou direito), em um dado dia, sòmente amamenta uma vez, o que pode parecer pouco. Convém, assim, que um dia se inicie a amamentação com um seio, o outro com o outro seio. O método da alternância é ainda o que convém nos casos de trabalho fora do lar, pois como é fácil verificar, sòmente o horário das 13 horas constitui óbice a ser contornado.

O problema da completagem é sobretudo importante nos primeiros meses da criança, quando há necessidade de assegurar a continuidade da secreção láctea materna e um desenvolvimento satisfatório do pêso da criança. A supressão do leite materno deve ser de todo em todo evitada, nos três primeiros meses, e a melhoria do estado nutritivo da criança urge do mesmo modo.

● **O leite que se impõe como** complemento **do leite materno tem, por isso, de ser escolhido entre os que, permitindo uma hidratação pronta da criança, lhe garantam também as outras substâncias necessárias a seu desenvolvimento corpóreo, em materiais plásticos e energéticos, que o façam um alimento «completo». Nessas condições estão, sobretudo, o «leitelho em pó» e certos produtos lácteos ditos «concentrados», tipo Pelargon da Nestlé. Com o Pelargon dar-se-á uma mamadeira de 50 gramas, preparada nas proporções de 1:4, depois de dar o seio, procedendo-se a seu preparo com as cautelas que visem a sua melhor aceitação pelo bebê.**

Com o leitelho far-se-á assim:

Água	**300 gramas**
Aveia ou maizena	**3 colheres de chá**

Cozer 5 minutos e juntar 6 colheres de chá de leitelho, mexendo bem se ferver. Pôr na geladeira. Dar, após cada mamadura, 50 gramas, depois de amornar. Preferir a aveia, se houver prisão de ventre, e a maizena, se fôr o contrário.

PAPÉIS TROCADOS

(Conclusão)

Em frente ao velho portão da Delegacia, encheu os pulmões, ergueu a cabeça e com inquebrantável autoconfiança entrou no edifício, sendo logo encaminhado pelo contínuo ao gabinete do Delegado.

Mas quando encarou o oficial de Justiça, sentado à mesa, tomou um choque no peito, as pernas bambearam, a vista quase escureceu. Era o próprio Delegado, o grã-fino que êle roubara na estrada!

Os olhares dos homens encontraram-se com mútuo espanto. Mas nos olhos do oficial a surprêsa foi rápida, com a fisionomia inquieta, abaixou a vista e mexendo os papéis da mesa, disfarçou o quanto pôde, querendo evitar as palavras de Marcolino, enquanto êste, traído pelo seu temor, todo trêmulo balbuciou:

— Por Deus, «seu» Delegado! Eu não sabia que era o senhor! Eu juro que lhe devolvo o dinheiro!

O Delegado empalideceu, e todo confuso e vexado olhou para sua espôsa, uma mulher de aparência severa que viera naquele instante trazer-lhe o lanche da tarde, e o contínuo, que com as mãos nas costas e ereto, estava junto à porta, esperando ordens. Com mil côres na face e gaguejando, encarou o matuto com indisfarçável olhar de súplica:

— O que você está dizendo? Que dinheiro é êsse? Eu não o conheço! Saia, vá lá fora, depois eu o chamo.

Após a saída de Marcolino, o jovem delegado, sorrindo amarelo e esfregando as mãos, chegou à espôsa:

— Nossa! A gente lida com cada louco... Desculpe os gritos em sua presença, querida. Esta vida de Delegado é assim mesmo... E' melhor você ir-se.

A mulher saiu sorridente, entre beijinhos e adeuses, e penalizada com seu pobre e amolado marido. Mal fechado a porta atrás dela, o delegado deu um espetacular suspiro de alívio, e disse ao contínuo com voz baixa e raivosa:

— Vá chamar aquêle desgraçado! Quase me fêz uma boa!

Marcolino entrou de novo espremendo o chapéu nas mãos trementes:

— Por favor, «seu» Delegado. Não me prenda...

O rapaz exasperou-se:

— Quem que vai te prender, «seu» idiota!? — E em tom confidencial chamou-o a um canto:

— Escuta aqui. Vá embora, não preciso de seu depoimento. Toma lá 100 cruzeiros, mas com esta condição. Não me conte a ninguém que você me viu aquela noite na estrada, hein? E muito menos com uma mulher como você viu. Vá, suma! Está perdoado, desapareça!

Marcolino, confuso e surprêso, pegou a nota, e aos cambaleios, saiu para a rua. O Delegado ainda pálido, suspirou mais uma vez, e tomando um copo d'água comentou ao contínuo, seu amigo íntimo:

— De boa me escapei, Rodrigues. Imagine que êsse idiota que aí veio, é o tal que me viu, quando eu estava com a Ivete, naquelas boas farras noturnas que fazíamos no automóvel. Quase me solta a «burrada» perto de minha mulher!

Marcolino voltou para casa ainda tonto, sem se conformar com o inconcebível acontecimento! Como podia um doutor daqueles, gente fina, diferente de si, Delegado acima de tudo, que além de ser roubado ainda o pagava por cima, tremendo de mêdo dêle?

Mas um sorrizinho de malícia dissipou aquelas torturantes dúvidas. Se êle fôsse um homem ordinário podia ganhar muito dinheiro do Delegado. Mas o melhor era deixar a cousa como estava. Não tinha mais nada com que se preocupar.

O interessante é que a cousa ficou de papéis trocados. O Delegado diante do réu, transformara-se em réu. E êle, com capacidade para condená-lo ao lado de sua carrancuda cara-metade. Se o Delegado não lhe segurasse a língua iria soltar a grande «marotagem», e que sova a mulher não aplicaria nêle!

Deu um suspiro de alívio e estalou entre os dedos a cédula novinha em fôlha. Como é gozado êste mundo! Como é sabida essa gentinha da alta sociedade! O Delegado, sim senhor!

Mas o engraçado de tudo fôra aquilo. A inversão dos papéis.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

QUEM DISSE ISTO?

1 Emílio de Menezes, ao perceber a imobilidade dos membros inferiores à hora da morte.

2 Coffinhal, ao recusar a Lavoisier 15 dias de tolerância, a fim de terminar uma experiência científica.

3 Carlyle, quando, a discursar em Londres foi interrompido por uma tempestade de aplausos. Voltou-se para um amigo íntimo e fêz a famosa pergunta.

4 G. Duhamel, contraditando o pessimismo de Paul Valéry.

5 Lloyd George, referindo-se ao militar francês.

RESPOSTAS AO TESTE

1—Dracon, antigo magistrado e legislador ateniense.
2—Cortesão de Dionísios, tirano de Siracusa.
3—O da China, em 1100, antes de Cristo.
4—1175.
5—40 mil.
6—Estados Unidos, 1846, pelo químico Jackson.
7—"Gazeta do Rio", 1808.
8—O Jardim Botânico.
9—A morte de Edison.
10—Em homenagem à grã-duquesa Maria, da Rússia, noiva do duque de Edinburgo, em 1875.
11—S. Francisco.
12—De Madagáscar.
13—O francês Jean Rey, (1891).
14—Campos (E. do Rio).
15—Na Paraíba.

COMO APRENDER A DANÇAR

1ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando às senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 64 — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher. Irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

MODELOS CONVERSÍVEIS

CADA dia que passa mais se acentua a tendência da moda atual em se tornar prática e mais econômica. A mulher moderna não dispõe de muito tempo para se vestir, a não ser que abra mão de horas de descanso e passeio que lhe são preciosas para a boa saúde do corpo e do espírito. Tem que estar, assim, sempre pronta para qualquer emergência, sem necessidade de ir em casa mudar de traje: do trabalho para a praia nos bonitos sábados de verão, da praia para o lotação que a levará até o outro lado da cidade aos domingos, das compras para um passeio...

● Pensando em tudo isso é que os figurinistas da Califórnia apresentaram um interessante desfile de «modelos conversíveis» cem por cento de acôrdo com as necessidades da mulher moderna. E' interessante contar que o desfile se realizou na Califórnia e não em Paris, Roma ou Nova York... A Califórnia é a terra das novidades, e, como não seria se lá se encontra Hollywood a cidade do cinema e das extravagâncias? Os modelos apresentados foram todos leves e graciosos. Na Califórnia, ao contrário de outras regiões dos Estados Unidos, o clima é ameno, bastante parecido com o nosso, e, por isso, os modelos que lá fazem sucesso têm muita probabilidade de agradarem também no Rio, São Paulo ou quarquer cidade do Brasil.

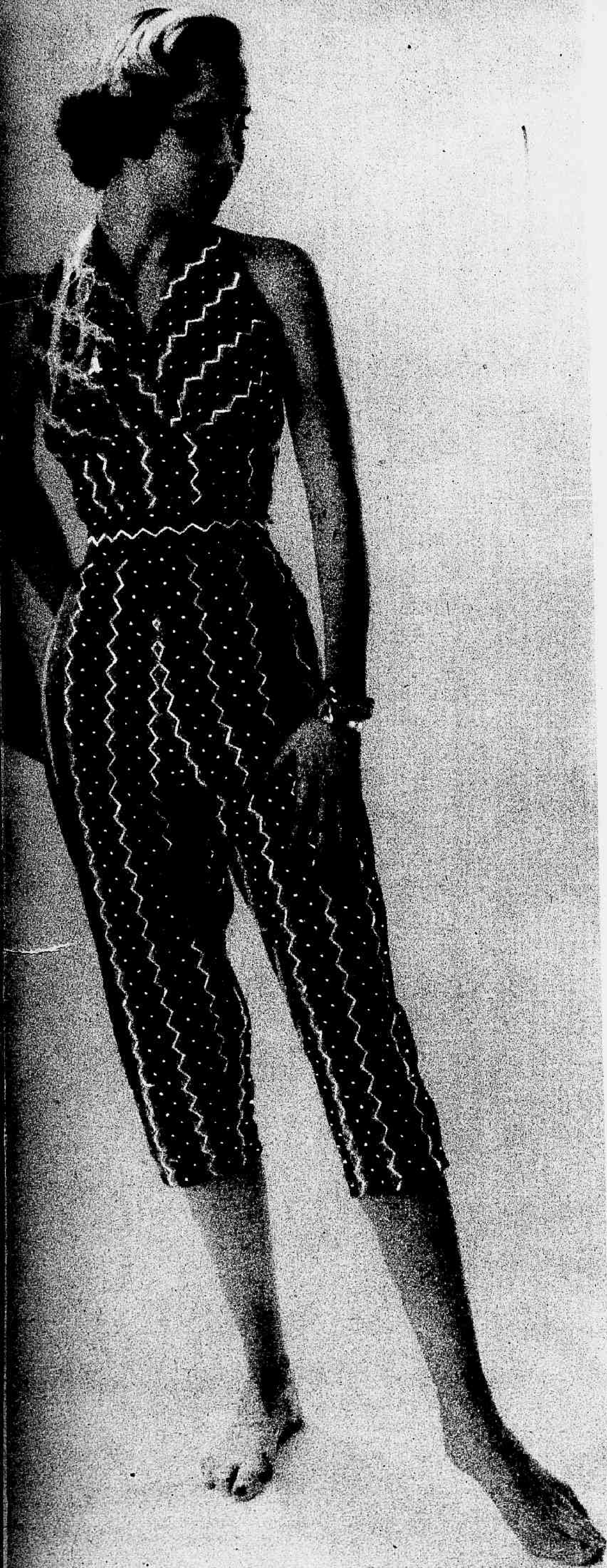
● Lá, como aqui, o algodão está em pleno furor, como podem ver pelos modelos apresentados nas páginas que seguem. Estampado, liso, listrado, tecido em relêvo ou bordado, impera êste ano nas coleções dos figurinistas mais famosos, quer em modelos esportivos como naqueles mais aprimorados para as grandes ocasiões. O algodão arma bem, quando ligeiramente engomado, e tem a vantagem de ser muito mais lavável que outras fibras.





COM BOLERO OU CASAQUINHO

Um vestido sem alças, em tecido estampado com saia muito rodada, foi apresentado por Alex Colman com bolero e casaquinho. Assim poderá ser usado de três maneiras diferentes, possibilitando maior variedade ao seu guarda-roupa



vestido e calça três quartos



Vestido ou calça três quartos para o esporte, eis a sugestão conversível de Lucinda. O modêlo executado em bonito estampado de listras é de extrema elegância em qualquer de suas apresentações.

vestido e short estampados



Linsk da Califórnia criou também o seu modêlo transformável: vestido em duas peças e short. Empregou lonita listrada para a blusa sem mangas e a saia, e lonita branca para o short que leva aplicações de bolas coloridas.



PIMENTÕES RECHEADOS

6 pimentões grandes
1 xícara de arroz
v/4 de xícara de manteiga
1 cebola de tamanho médio
1 dente de alho
4 tomates grandes
Pimenta e sal à gôsto
1 clara de óvo (reservada dos cão moído.

● Corte os pimentões ao meio, no sentido horizontal. Remova os caroços e o miolo. Lave-os e ponha nágua fervendo. Cubra a panela. Retire cinco minutos após. Pique a parte que foi retirada dos pimentões.

● Lave o arroz e escorra a água. Ponha a manteiga numa panela, e leve ao fogo. Junte o arroz e faça um refogado com a cebola, o alho, e o pimentão picado até que fique bem corado. Acrescente a pimenta, os tomates picados e os temperos restantes. Deixe cozinhar.

● Depois de pronto, arrume êste recheio dentro dos pimentões. Ponha-os numa travessa que possa ir ao forno e asse em temperatura moderada cêrca de 30 minutos.



CONSELHOS ÚTEIS

Ao contrário do que parece não são os alimentos quentes que mais esquentam o corpo no verão. Tudo depende das "calorias". Uma sopa quente com 300 calorias, esquenta menos que um "milk-shake" gelado com 500 calorias.



Para evitar que a tijela em em que bate bolos deslize sôbre a mesa, cole no fundo da mesma uma rodela de borracha ou plástico. Ficará firme, facilitando seu trabalho.



Deseja um creme leve e saboroso para servir com sorvetes ou tortas? Bata fortemente partes iguais de leite e melado grosso, e terá um "creme de melado".



Uma ótima pasta para limpar panelas de alumínio obtém-se com fubá grosso e vinagre. Esfregue nas panelas e depois enxague-as e ponha para secar.



BÔLO DE QUEIJO

RECHEIO

3 ovos
250 gramas de queijo creme
1 colher das de chá de essência de baunilha
2/3 de xícara de açúcar
1 1/2 colheres das de sopa de farinha de trigo
2/3 de xícara de creme batido.

CROSTA

1 1/2 xícaras de biscoitos moídos, tipo crackers
1/2 xícara de amendoins picados
1/3 de xícara de açúcar
1/3 de xícara de manteiga derretida ou gordura
1 colher de chá de manjeri- ovos do recheio).

RECHEIO: Separe os ovos, as claras das gemas. Reserve uma clara para a crosta. Bata muito bem as gemas. Junte o queijo, a assência de baunilha, 2/3 de xícara de açúcar e a farinha. Bata.

● Bata o creme de leite e junte à massa. Bata 2 claras, em neve, e adicione também. Espalhe essa mistura sôbre a seguinte crosta:

CROSTA: Misture os biscoitos moídos, os amendoins, 1/3 de xícara de açúcar e a manteiga derretida. Reserve 1/4 de xícara dessa mistura para cobrir o bôlo. No restante, ponha a clara que sobrou, batida em ponto de neve. Espalhe essa crosta no fundo e dos lados de um prato de pyrex, que possa ir ao forno, e aperte bem com os dedos.

● Por cima da crosta ponha o recheio. Sôbre o mesmo espalhe o restante da crosta. Asse em forno brando, cêrca de 1 hora.

O que "êle" vê em você



SEU aspecto, suas roupas e a maneira como você anda são importantes para que «êle» tenha uma idéia de sua personalidade. Seu comportamento para com os amigos e parentes, falam mais um pouquinho, ainda, de você. Suponhamos que êle tenha aprovado tudo o que ficou dito acima, mas... falta o principal: como são as coisas quando vocês estão sòzinhos, ou quando apenas encontram outras pessoas para dizer um: «Como vai?» e continuar andando?

Se êle pretende passar o resto de seus dias com você, haverá muitas ocasiões em que a felicidade dependerá daquilo que você realmente é, fora do ambiente social ou familiar. O que você é quando está sòzinha com êle. Talvez pense que é uma boa companhia porque fala o tempo todo e tem imaginação e senso de humor. Mas, existem ocasiões em que o silêncio agrada muito mais.

Duas pessoas que podem se sentar lado a lado, em silêncio, sentindo-se bem assim, já deram um grande passo para a felicidade. Um silêncio de camaradagem, e não um silêncio taciturno é a que me refiro. Se êle gosta tanto de você como você deseja, não sonha com uma eternidade de dias futuros ouvindo o rumor sem fim de sua voz, mas também com alguns intervalos de doce silêncio.

Talvez isso lhe seja difícil, mas você tem que aprender também a não falar sem parar de seu trabalho. Em vez disso, encorage-o a falar do trabalho **dêle**, de outra forma êle achará que você julga mais importante seu emprêgo do que um futuro cuidando dêle e das crianças que venham a ter. Você deve ser afetuosa e sensível, mas — ainda que ouça dizer o contrário — êle gostará mais da moça que se porta com dignidade.

★

Quando estiver sòzinha com êle, procure agir conforme os pontos seguintes:

● PONTUALIDADE: — Espero que você não seja a espécie de moça que chega hàbitualmente atrazada para um encontro, ou não está nunca pronta na hora, pensando que com isso se valoriza. Absolutamente. Na melhor das hipóteses depensando que com isso se valoriza. Absolutamente. Na melhor das hipóteses de-

Se, ao contrário, fôr sempre pontual, achará que você é capaz de dirigir uma casa e tratar de crianças, porque sabe controlar o temdirigir uma casa e tratar de crianças, porque sabe controlar o tem-

● DINHEIRO: Se êle tem em vista o casamento — estará economizando e por isso não pode gastar à larga. Não sugira jantares em restaurantes caros nem passeios muito dispendiosos. Êle pensará que você nada mais é que uma «caçadora de ouro».

Ao contrário, convide-o para jantar em sua casa, algumas vêzes. Será uma atitude duas vêzes inteligente: primeiro êle saberá que você aprecia viver na realidade e sabe que dinheiro não cresce em árvores, e segundo poderá demonstrar-lhe suas habilidades culinárias.

● BEBIDA: Um coquetel será demais se com isso você se tornar uma pessoa embaraçosa de se lidar, indicará que tem pouco contrôle sôbre si mesma. Se você já chegou à idade de se casar sem saber «quando» pode beber sem se alterar, êle concluirá que já está velha demais para aprender.

Muito álcool torna as pessoas estranhas e grotescas. O sensato é saber "quando" você deve parar. Recusar mais um cálice e deixar que êle beba o que desejar é a atitude mais simpática. Você poderá passar por "fraca para beber" o que não a desmerecerá, mas nunca por pouco controlada ou por "cacete".



Sugestões para o lar



DENTRO em pouco as aulas vão recomeçar. Seus filhos estudarão noite a dentro, num esfôrço para conquistar uma melhor colocação, sobressaindo dentre os colegas, e adquirindo uma cultura mais sólida. E' preciso, porém, que tenham uma mesa de estudos bem iluminada. Uma boa iluminação não sòmente torna o trabalho mais fácil, como também economisa energias preciosas tão necessárias para o desempenho eficiente das atividades colegiais. Experiências científicas comprovam que os olhos precisam de uma quantidade mínima determinada de luz para agüentar longas horas de leitura ou estudo. O tipo de abajur que escolher é importante. Não me refiro ao estilo, mas ao tamanho, e à altura do cone de luz que projeta sôbre a mesa. Quanto ao tamanho, deve atingir todo o livro, ou todo o caderno em que se escreve. Quanto à altura, a luz da lâmpada não deve incidir diretamente sôbre os olhos da pessoa que estuda, deve atingir apenas a metade inferior do rosto. Outra coisa, é importante, também, que a superfície da escrivaninha não projete a luz, para isso deve ser opaca e não brilhante, e de côr clara.

Um par de abajurs hàbilmente colocado na parede, é o ideal para o estudante que gosta de ter uma mesa ampla onde espalhar livros e papéis, como vemos na fotografia ao lado.



A Grécia e a China se uniram, como se pode observar, no Carnaval de rua dos cariocas, em homenagem à fraternidade universal, enquanto êste vampiro faz diversas experiências com suas asas para voar em cima do nosso colega fotógrafo.



A FILOSOFIA DO POVO NO

Carnaval de rua

Fotos de ADIR VIEIRA

TODO mundo diz que o Carnaval do Rio está morrendo. E vêm comparações: em 1930 os bondes só chegavam à Praça da República, de tanto povo, e da zona sul, voltavam da Glória. Hoje os bondes vão normalmente ao Largo de S. Francisco, Praça Tiradentes (hoje da Independência) e Tabuleiro da Baiana ou Lapa. E' exato; mas há umas particularidades que exigem citação. Antes de abrir-se a imensa e larguíssima Av. Presidente Vargas, o povo entupia a Av. Marechal Floriano (Rua Larga), impedindo o tráfego de bondes da zona Norte entre a Central do Brasil e o Largo



A decoracão da cidade fugiu ao sistema anterior Aqui vemos um palanque para dancas instalado na Avenida Presidente Vargas



A filosofia do povo no

de S. Francisco. Com a Av. Presidente Vargas alargou-se imensamente o campo de atuação dos foliões, e não há possibilidade de encher ruas. O que atrasa o Carnaval do Rio é estar êle inscrito na época das chuvas com trovoadas e tudo. Êste ano, apesar dos prognósticos do Departamento de Meteorologia, houve aguaceiros de horas seguidas, e o sol se meteu em férias, não aparecendo senão lá para quinta-feira...

Mas o carioca é mesmo da farra e enfrentou o mau tempo, tornando-se pitoresco vermos fantasiados, mascarados, «sujos» e outros espécimes do império momesco de três dias, munidos de guarda-chuva como se êsse amigo inseparável das parteiras do interior, fizesse parte integrante da indumentária carnavalesca. Nem todos os que moram no Rio gostam de brincar o Carnaval. Há uma parte da população que foge da cidade justamente quando Momo ameaça invadir o Distrito Federal. Êste ano umas quarenta mil pessoas deixaram suas casas e subiram para Petrópolis, Teresópolis, foram refugiar-se nas estações de águas de Minas e E. do Rio, ou se esconderam entre as árvores e serras dos numerosos hotéis de veraneio e férias que há disseminados pelas montanhas das proximidades do Rio. Antigamente outros milhares de pessoas vinham dos Estados para esta capital, a fim de ver o nosso Carnaval; mas hoje é isso muito escasso. Hotéis caríssimos, ausência de corso, épocas chuvosas e notícias alarmantes sôbre a devassidão reinante...

Mas, seja como fôr, o Carnaval de rua continua animado, embora,

AS SURPRÊSAS DO CARNAVAL CARIOCA, DE RUA, DE 1953:





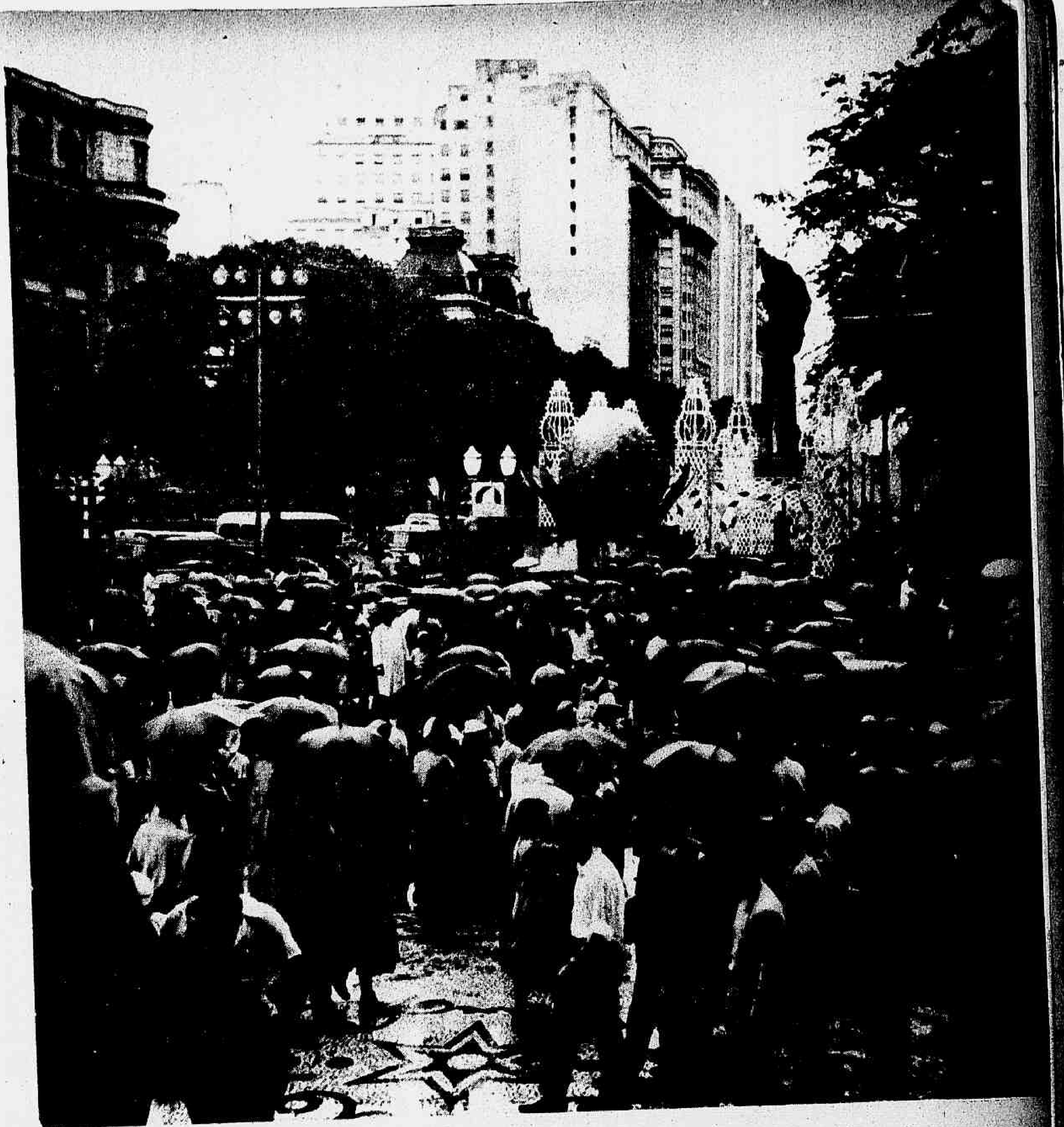


O Carnaval é a mistura de tudo e de todos, é a festa mais popular do Brasil e também a mais democrática. Cruzam o prêto e o branco; vêem-se dêstes contrastes e, por fim, o papai levando pelo braço o filhinho «Dinamite». Depois não se queixem de que êle é mesmo da farra.

CARNAVAL DE RUA

talvez, menos extenso. O povo se diverte em blocos, em turmas, em grupos do «Eu sòzinho», entregando-se aos saracoteios exigidos pela bacanal que nos inspiraram os senhores de Roma e vizinhanças, nas saturnais do «currus navalis», de onde veio o Carnaval até nós. Para um repórter observador e perspicaz, os três dias de farra momesca numa cidade caracteristicamente carnavalesca como é o Rio, oferecem motivos e sugestões excelentes para umas considerações filosóficas. O povo é manancial de ensinamentos, tanto para os filósofos, como para os gramáticos, etnologistas e críticos de tôda espécie. E o carioca, que é a soma de tudo o que há por êsse Brasil em fora, tem a vantagem de fornecer aos estudiosos maior seara de estudos e observações, do que qualquer outro povo dêste amável país.

E vimos em muitos pontos da Cidade Maravilhosa, como os elementos do povo se divertiam, mesmo debaixo d'água, fazendo suas críticas, suas blagues, pilhérias ingênuas, mas que continham no íntimo das «charges» o sentido objetivo do ferro em brasa, a zombaria direta às suas «vítimas» e as fugas para uma vida diferente da que levamos nos longos e afanosos dias de trabalho e suor. Um grego de saiote e ombros nus; um «morcêgo» que não nos suga o sangue na calma da noite, mas que nos dá a impressão de que prefere as trevas para surpreender-nos, se deixarmos a janela aberta; e todos procuram seus derivativos, homens de «shorts» e mulheres de «maillot» ou de calças, desmascarando-se na mascarada geral.



NO MESMO DIA E NO MESMO LOCAL: SOL E GUARDA-CHUVA

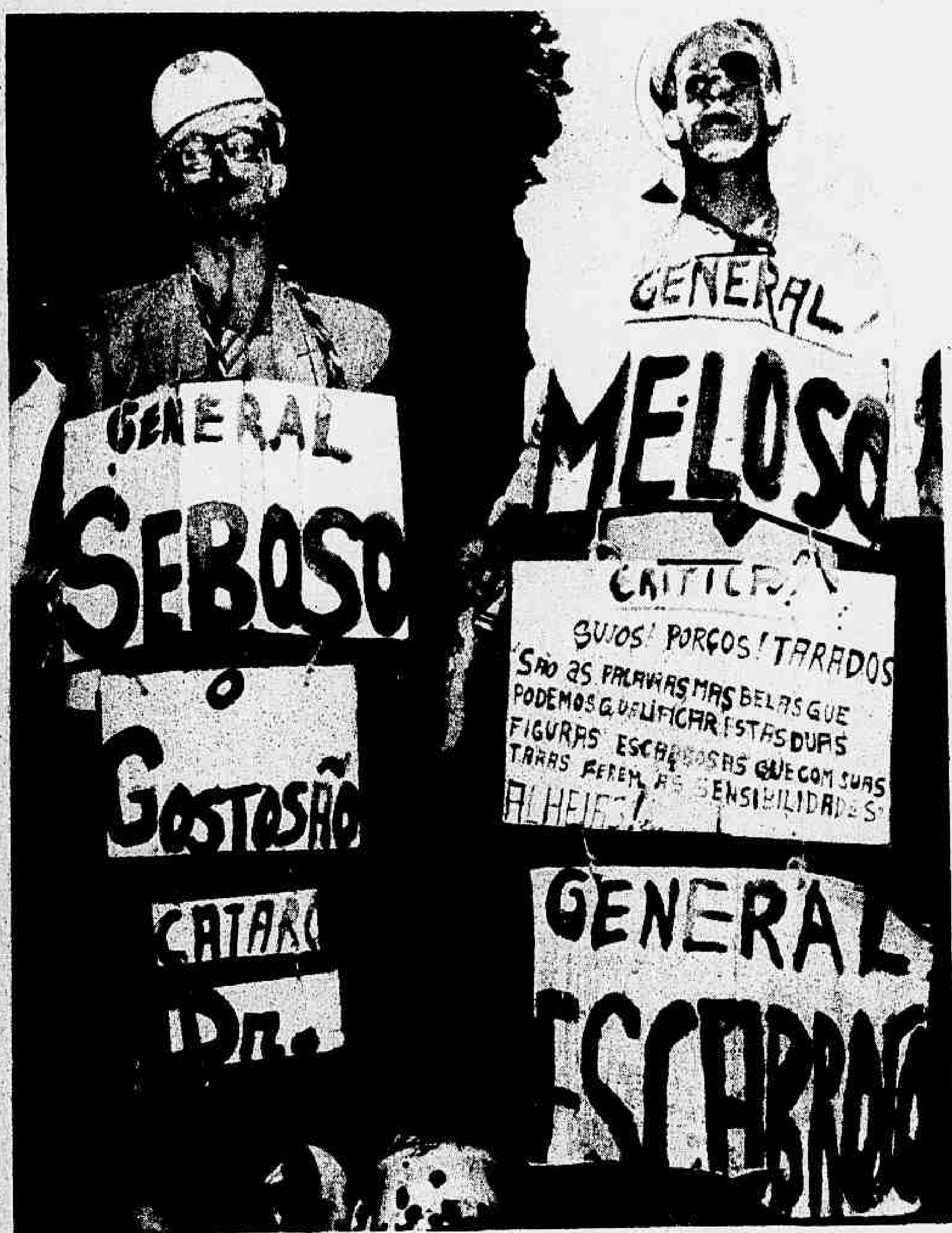


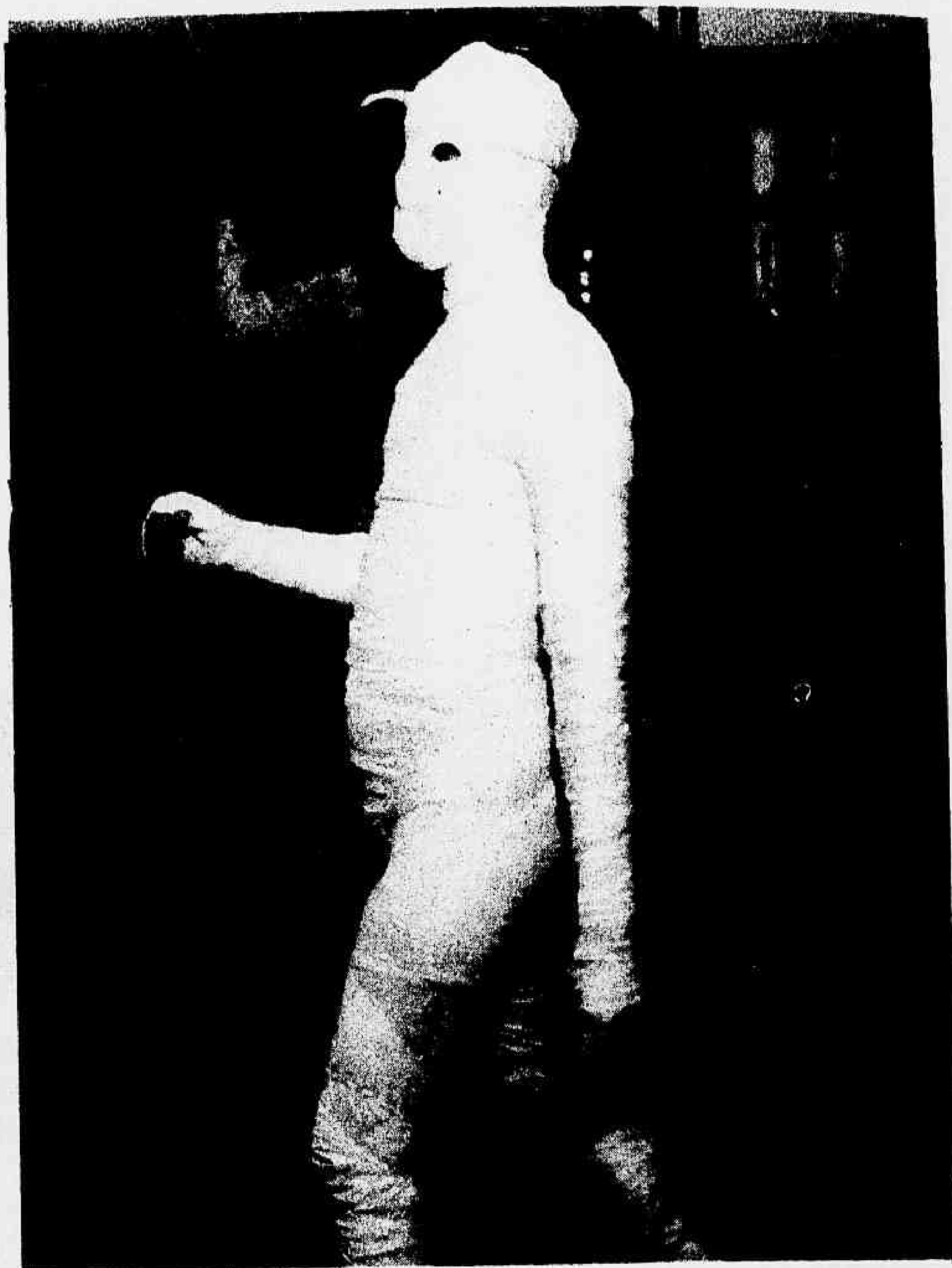




Carro alegórico da «chupeta», que teve como motivo de inspiraçao a marcha carnavalesca de sucesso «Eu êste ano vou sair de touca»... O que mais escandalizou foram os vasos para apanhar água de chuva. Depois, «maillot» e proteção contra a chuva, com êste louco manso.

A filosofia do povo no CARNAVAL DE RUA





Não se sabe interpretar o sentido dêstes dois «generais». Filosofia bastante difícil... E êste enfaixado? «Estou vindo de Caxias». O terceiro está mais claro: — o que êle quer é arranjar uma «Amélia». Finalmente, uma «Miss Televisão» que não é miss, mas um «misso»...





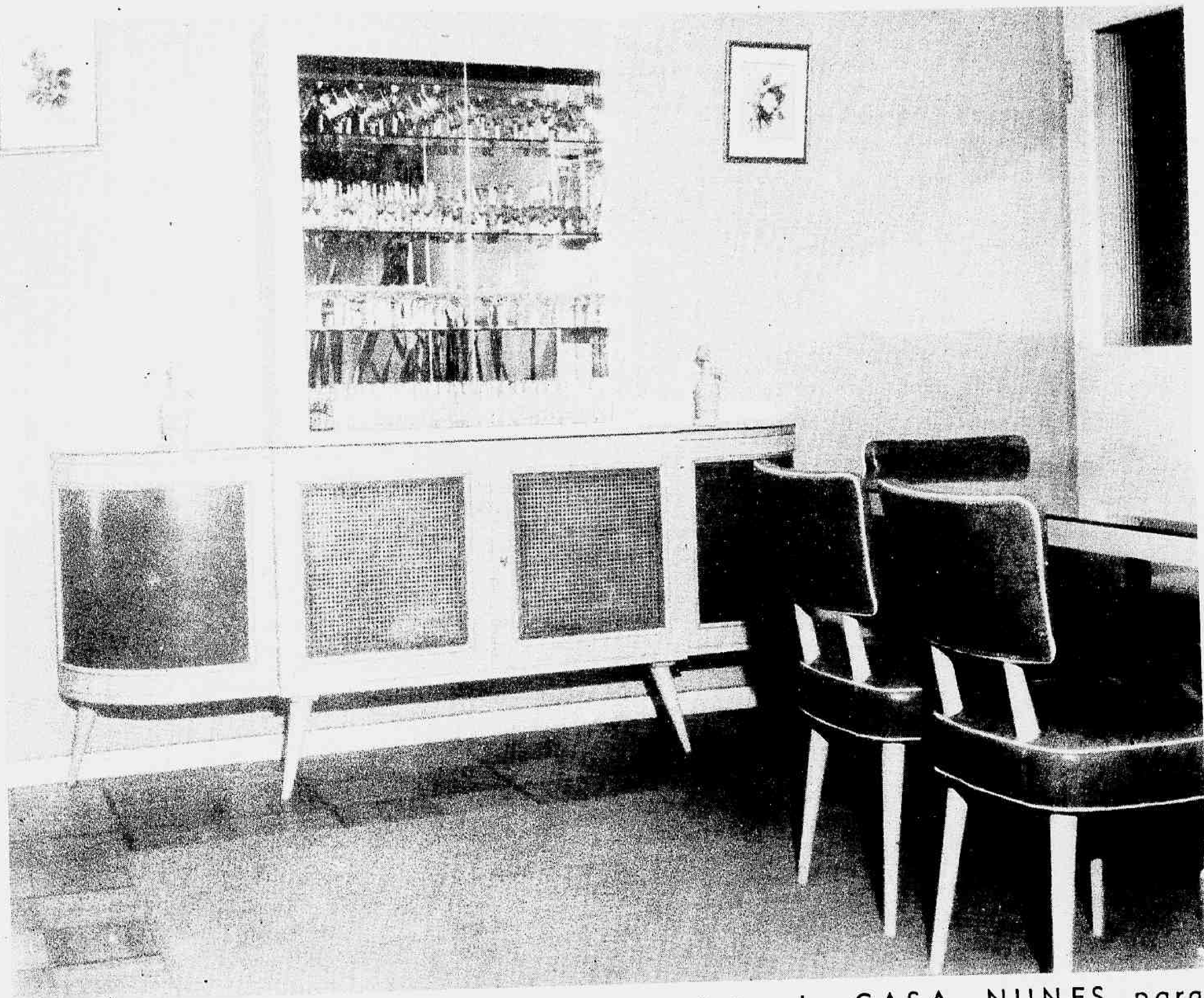


Até as professôras entraram na crítica direta, com esta «teacher», que não é mais que um marmanjo metido em camisa de onze varas

ÚLTIMO FLASH

SE a frase de Stephan Zweig — «Brasil País do Futuro» — foi feliz, não menos acertado andou o sr. Josué de Castro na sua «Geografia da Fome». E' que de fato o Brasil é um país de contrastes violentos entre regiões vizinhas. Enquanto o nordeste sofre a sêca e morre ao sol inclemente, o sul abre cidades novas no meio dos bosques. Esta foto fala por livros inteiros. As multidões famintas emigram à fôrça, abandonando as paragens nordestinas e os campos cultivados porque o gado morre à míngua e a plantação sêca se confunde com o pó impiedosamente. O último tostão serve para tomar um caminhão e vir empoleirado pela Rio-Bahia até São Paulo e norte do Paraná, onde pelo menos há água e trabalho. As cenas pungentes do êxodo se repetem. São milhares de retirantes. E' o maior fenômeno de migração interna que se conhece no mundo. São sêres humanos que clamam por ajuda da justiça e da caridade. Ontem, a fuga se fazia para a Amazônia misteriosa. Iam por mar . . . Hoje, o fazem por terra. O significado é o mesmo. Sôbre a sêca e seus problemas, a REVISTA dará reportagens especiais.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas




Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood
CIGARROS
hollywood
Cigarros
Hollywood
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO
UM PRODUTO SOUZA CRUZ